



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**

Campus de Presidente Prudente

ADOLPHO BARRETO NETTO

**CENTRALIDADES DO LAZER EM PRESIDENTE PRUDENTE:
FLUXOS, TENSÕES E TERRITORIALIDADES NO PARQUE DO POVO**



Presidente Prudente

2016



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Campus de Presidente Prudente

ADOLPHO BARRETO NETTO

**CENTRALIDADES DO LAZER EM PRESIDENTE PRUDENTE:
FLUXOS, TENSÕES E TERRITORIALIDADES NO PARQUE DO POVO**

Monografia apresentada ao
Departamento de Geografia da FCT
UNESP de Presidente Prudente – SP,
para a obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientador: Prof Dr. Nécio Turra Neto

Presidente Prudente

2016

DECLARAÇÃO

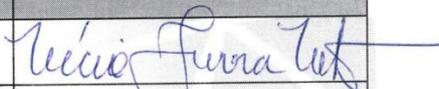
ADOLPHO BARRETO NETTO, RG. N.º 47.863.580-1, cumpriu sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: "**CENTRALIDADES DO LAZER EM PRSIDENTE PRUDENTE: FLUXOS, TENSÕES E TERRITORIALIDADES**"

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **18 de janeiro de 2016**, às 14h00min, na Sala de Reuniões do GAsPERR.

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), foi atribuído o conceito A, com a nota 9 (nove).

Presidente Prudente, 18 de janeiro de 2016.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Prof. Dr. Nécio Turra Neto (Orientador)	
Ms. Elvis Christian Madureira Ramos	
Bel. Marcelo Custódio Pereira	

AGRADECIMENTOS

Como é complexo escrever estas notas finais de agradecimentos correndo o risco de cometer algumas injustiças... Afinal, foram cinco anos de convivência com pessoas incríveis, onde cada um tem o seu lugar especial em minhas memórias e consideração.

Primeiramente, agradeço aos meus pais José Vitório e Maria Rosângela pelo suporte incondicional à todas as necessidades, sejam financeiras, psicológicas, ou até mesmo em uma repreensão ocasional – mas necessária – ao longo destes 24 anos de vida. E também agradeço ao Arthur, meu irmão mais novo que tanto se espelha em mim e na minha trajetória. Amo vocês!

Agradeço também aos grandes amigos que fiz desde o meu ingresso em 2010 no curso de Geografia. Especialmente o Caio, Vinícius (Sid) e o grande Eltão! Amigos que sempre estiveram lado a lado desde o início desta jornada na turma 53. Também gostaria de lembrar os grandes camaradas Leandro (Coala), Bruno Reis, João Paulo (Papa), e Ederson (Eddie). Tenham certeza que se cheguei até este momento, vocês tiveram um papel imprescindível para tal!

E não menos importante, gostaria também de agradecer especialmente aos camaradas de Prudente que não são geógrafos, mas que foram muito importantes em minha vida ao longo destes anos da graduação, sendo ótimas companhias que tornaram a minha vida mais leve e prazerosa nas longas conversas de botequim que tivemos. Em especial agradeço ao Gabriel, Rodrigo (Coruja), Eduardo (parceiro desde 1990 e alguma coisa), e ao Rodrigo (Digão) pelas tardes regadas a cerveja e conversa jogada fora no Bar do Jeová!

O tema deste trabalho é a juventude, sendo assim, é impossível deixar de agradecer os amigos que foram tão importantes para a minha formação pessoal durante a minha adolescência, cada qual a sua maneira. Não vou me arriscar a citar nomes e acabar deixando alguém importante de lado, portanto agradeço a todos os meus parceiros e parceiras de Bauru pelos anos e experiências sensacionais que pude passar ao lado de vocês, muito obrigado!

Gostaria de agradecer também ao grupo de estudos “GAsPERR Interfaces”, pelas reuniões e debates que com certeza contribuíram muito para o trabalho que aqui apresento. Agradeço especialmente a Jayna Melo, pela ajuda imprescindível na aplicação dos questionários, e agradeço também ao Shinoby e ao Elvis por aceitarem serem parte deste momento enquanto membros da banca examinadora desta monografia, fato que só vem a engrandecer o trabalho aqui exposto. Valeu!

Um agradecimento especial ao Professor Nécio por seu papel enquanto orientador e mentor do trabalho aqui apresentado. Jamais esquecerei a sua ajuda nos momentos de dificuldade encontrados no decorrer da pesquisa, que inclusive transcende o papel de uma simples orientação. Muita gratidão!

Como sempre deixamos as coisas mais importantes para o fim, quero registrar um agradecimento especial à minha namorada Annalisa, que teve um papel fundamental não apenas no auxílio na elaboração dos mapas e representações cartográficas apresentados neste trabalho, mas também no companheirismo que compartilhamos já há três anos. Certamente não conseguiria alcançar os objetivos que almejei para este período sem a sua ajuda, compreensão e merecidos “puxões de orelha”. Amo você.

Por fim, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo apoio e suporte financeiro, tornando possível a realização desta pesquisa.

"Ficamos ali, olhando uns para os outros sem olhar um para os outros. Mascavamos chicletes, bebíamos café, íamos ao banheiro, mijávamos, dormíamos. Ficávamos ali sentados naqueles bancos, fumando cigarros sem querer fumá-los. Olhávamo-nos e não gostávamos do que víamos."

(Charles Bukowski – Factótum)

Resumo

O presente trabalho é o resultado de uma investigação realizada entre os meses de dezembro de 2013 e junho de 2014, como projeto de iniciação científica, cujo objetivo era aproximar as produções realizadas pelas Ciências Sociais em relação ao estudo das juventudes com a ciência geográfica. Para tanto, buscamos inserir alguns conceitos geográficos dentro de nossa proposta de estudo dos jovens frequentadores do Parque do Povo, na cidade de Presidente Prudente-SP.

O trabalho consiste em compreender as dinâmicas empreendidas pelos jovens dos bairros periféricos de Presidente Prudente que frequentam o limite norte desse importante espaço público, aos fins de semana a noite, buscando nesse processo analisar e verificar – tanto de forma teórica, quanto empírica – o que entendemos enquanto fluxos, tensões e territorialidades que os jovens em questão produzem e vivenciam em nossa área de interesse.

Também é objetivo do trabalho compreender o papel do *Prudenshopping*, localizado nas imediações do Parque do Povo, neste contexto da diversão noturna que analisamos, tendo em vista a forte relação deste equipamento com as dinâmicas de sociabilidade que os jovens estudados empreendem no Parque do Povo, tornando-se uma parte inerente a este momento de diversão vivenciado por eles.

PALAVRAS CHAVE: Juventudes. Sociabilidade. Território. Parque do Povo. Presidente Prudente – SP.

ABSTRACT

The present work is the result of a research done between the months of December 2013 and June 2014 as a research project, whose goal was to bring approximate the productions made by the Social Sciences on the youth studies together with the geographical science. To do so, we searched to insert some geographical concepts within our proposed study of young goers of the Parque do Povo in the city of Presidente Prudente-SP.

The study consists in understanding the dynamics undertaken by the youth from the outskirts of Presidente Prudente who attend the northern limit of this important public space, especially on weekends nights, seeking in the process to analyze and ascertain - both theoretically and empirically - what we understand as flows, tensions and territorialities that the young people in question have and experience in our area of interest.

It is also an objective of the work to understand the role of Prudenshopping, located near the Parque do Povo, in this context of the night entertainment we analyzed, considering the strong correlation of this equipment with the sociability dynamics that the young people build on the Parque do Povo, making it a part inherent in this moment of enjoyment lived by them.

KEYWORDS: Youth; Sociability; Territory; Parque do Povo; Presidente Prudente - SP.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA	12
2. O PARQUE DO POVO EM PRESIDENTE PRUDENTE	23
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	32
4. DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS	
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS JOVENS	41
4.2 OS FLUXOS E AS TERRITORIALIDADES.....	59
4.3 AS TENSÕES.....	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

A construção do presente trabalho está centrada a partir da noção do Parque do Povo enquanto um importante equipamento de lazer para a cidade de Presidente Prudente - SP. Construído a partir de um amplo processo de reestruturação do espaço urbano prudentino, transformou toda a área de seu entorno, que anteriormente era segregada e pouco valorizada em uma das localidades mais valorizadas e especuladas da cidade. Somado a isto, no início da década de 90 instala-se nos arredores do Parque o que é hoje o principal *shopping center* da cidade, o *Prudenshopping*.

Atualmente, a convergência entre estas duas localidades se apresenta como um “espaço luminoso” para o lazer noturno prudentino, sobretudo para os jovens habitantes das periferias pobres de Presidente Prudente. Desta forma, tendo esta localidade como ponto central e os jovens como atores, o objetivo central do presente trabalho é expor a compreensão que tivemos sobre como ocorrem os processos de sociabilidade produzidos pelos mais diferentes grupos de jovens que frequentam este espaço, a partir dos resultados das incursões de campo realizadas no Parque do Povo entre os meses de dezembro de 2013 a junho de 2014.

A partir dos resultados e das vivências em campo, nossa intenção é explorar e analisar ao longo do trabalho o que compreendemos enquanto os “fluxos, tensões e territorialidades” produzidas pelas relações que estes jovens tecem com o espaço, em seus momentos de tempo livre, expressadas através das práticas de lazer noturno.

Os fluxos e as territorialidades são partes indissociáveis do trabalho, onde procuraremos entender os trajetos dos grupos de jovens dos bairros periféricos da cidade, buscando compreender os dilemas e os conflitos dos seus fluxos e das suas práticas espaciais, refletidas em suas formas próprias de se apropriarem, territorializarem e viverem a cidade, a partir da sua situação socioespacial desprivilegiada.

Desta forma, o trabalho subdivide-se em quatro capítulos principais:

No primeiro capítulo, intitulado “aspectos teóricos da pesquisa”, iremos apresentar e discutir alguns dos principais conceitos e premissas que nortearam a construção do tema do presente trabalho. Discutiremos no capítulo a conceituação de juventude e os pormenores que definem esta etapa da vida, bem como discutimos a

sociabilidade, e uma breve conceituação do que são as territorialidades que buscamos analisar ao longo do trabalho.

O segundo capítulo, intitulado “O Parque do Povo em Presidente Prudente”, reserva em si um breve histórico, tanto da área de interesse, quanto do espaço urbano prudentino como um todo. Nesse sentido, discutiremos uma bibliografia básica que abordam estes temas, e ainda nos apoiaremos em resultados adquiridos em campo por intermédio de entrevistas.

O terceiro capítulo destina-se a apresentar as metodologias utilizadas e é onde debateremos os princípios das pesquisas de cunho etnográfico, que serviram como uma importante ferramenta para o desenvolvimento do presente trabalho. De forma mais específica, iremos explorar as características inerentes aos trabalhos de campo que foram realizados, descrevendo brevemente este processo de inserção e contato com o objeto de estudo.

O quarto capítulo é a espinha dorsal do trabalho, já que nele estão os resultados empíricos e quantitativos que obtivemos ao longo da pesquisa. Primeiramente, realizaremos uma caracterização dos jovens que participaram das enquetes, a fim de estabelecer os primeiros padrões de comportamento, além de características socioculturais.

Nos sub-itens deste capítulo, discutiremos o que compreendemos enquanto os fluxos e territorialidades e sua relevância para com as dinâmicas do lazer empreendidas pelos jovens que frequentam a nossa área de interesse. Posteriormente, teceremos uma breve discussão das tensões - potenciais e reais - que observamos ao longo dos meses em imersão na realidade da área, bem como a visão que os jovens possuem em relação a este aspecto em específico.

Por fim, colocaremos as considerações finais que o trabalho nos proporcionou a partir de nossa interpretação da realidade observada em nosso recorte territorial.

1. ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Não poderíamos iniciar o presente trabalho de outra forma senão discutindo a produção teórica sobre juventudes, que tivemos contato ao longo da realização deste projeto de pesquisa, tendo em vista que nosso objeto de estudo são os jovens das periferias pobres de Presidente Prudente. Mas não somente as juventudes, ainda buscaremos expor outros aspectos relativos a sociabilidade e territorialidade ao longo deste capítulo, pois também constituem bases importantes para a construção da análise proposta.

Primeiramente, como não poderia deixar de ser, resgataremos aqui de forma breve como alguns dos autores que tivemos contato fazem sua leitura sobre as juventudes, tendo em vista as múltiplas possibilidades de conceituação deste termo. Primeiramente, Diógenes (1998) evidencia a dificuldade de conceituação do termo, em vista das diferentes visões e possibilidades de interpretação para o mesmo. A autora argumenta que

O movimento é a sua marca e a inovação, é seu signo. Com a expansão do industrialismo, em que o consumismo e a cultura de massas tornam-se a tônica da nova era, a juventude se expressa como agente catalisador e propagador de um estilo moderno e cosmopolita. Nesse sentido, a juventude é recortada por referentes simbólicos condensadores de uma marca estilizada do “ser moderno”. Talvez seja por tais características que se tornam sempre tão complexas as tentativas de conceituação do termo juventude. (DIÓGENES, 1998, p. 94).

Dessa forma, além de explicitar as dificuldades referentes a um consenso na conceituação do termo, a autora nos coloca diante da importância do consumo para o entendimento do que é “ser jovem” nos dias de hoje. O consumo oferece muitos dos referentes que são assumidos por jovens dos mais diversos contextos socioespaciais, na elaboração de sua identidade juvenil, ainda que *ser jovem* não se resume a ser consumidor e que existam grupos juvenis cujas identidades são construídas com referentes nem sempre retirados da indústria de bens culturais.

Abramo (1994) também nos coloca a dificuldade para a conceituação do termo, tendo em vista que esta concepção envolve distintas formas de representação social, e é relativamente volátil, tendo em vista que a juventude pode ser encarada de maneiras diferentes por diferentes organizações sociais, que possuem seus valores próprios para este momento de transição entre a infância e a vida adulta.

Mas antes de entrarmos nos pormenores de como as Ciências Sociais fazem a leitura sobre as juventudes nos dias atuais, acredito que seja necessária uma retomada histórica para compreendermos como a juventude se tornou uma categoria social consolidada ao longo dos séculos.

Neste sentido Abramo (1994), baseando-se em Ariès (1981), faz uma reconstrução histórica do termo, para dizer que a juventude surge como categoria destacada a partir das sociedades industriais modernas, já que na sociedade medieval não se observava uma clara divisão entre o mundo infantil e o adulto. Ou seja, a criança não vivia em um mundo completamente separado dos adultos, e já partilhava da vida adulta assim que começava a se desenvolver fisicamente.

A autora afirma que é a partir do século XVII, com a industrialização, que observamos o início de profundas mudanças na relação que antes se observava com o universo infantil, sendo a mais relevante delas a extensão da instituição escolar, substituindo a antiga maneira informal de aprendizagem que se observava em séculos passados (ABRAMO, 1994, p. 6).

Porém, esta educação escolar neste primeiro momento não era abrangente, e abarcava em sua maioria os filhos de burgueses e nobres, como nos coloca a autora

No século XVII, o núcleo principal da população escolar era constituído de jovens de famílias burguesas, embora fosse também parcialmente composto por filhos de nobres e, em menor escala, por artesãos e camponeses. Posteriormente, o recrutamento vai abarcando uma gama cada vez maior de grupos sociais (ABRAMO, 1994, p. 7).

Esta breve citação nos remete ao fato de que a juventude é uma condição social que surge num determinado momento histórico e, a princípio, não era acessada por todos aqueles que estariam na idade juvenil. Assim, é necessário ter em mente que jovens e juventude são termos que nem sempre coincidem. Por isso, nos dias de hoje, é importante questionarmos quem são os jovens que vivem plenamente sua juventude de fato. Dayrell (2005) apresenta este questionamento voltado para os dias atuais, pois mesmo com esta ampla difusão das culturas juvenis, principalmente a partir do século XX, ainda existem profundas distinções entre os próprios jovens, em que as classes média e alta podem dar-se o direito de permitirem a seus filhos uma juventude dedicada aos estudos e ao tempo livre, ao lazer e diversão, enquanto nas camadas mais pobres da sociedade moderna os jovens devem se preocupar com as questões inerentes ao mundo dos adultos de forma prematura.

Ao longo dos séculos, a instituição escolar passa a se consolidar cada vez mais nas sociedades ocidentais, e também a incluir outros setores sociais em seu contexto,

ampliando assim a condição juvenil, se diversificando e transformando seus referenciais simbólicos e significados (ABRAMO, 1994, p. 7-8).

O século XX se apresenta como o momento central do desenvolvimento da juventude enquanto condição social, e assim passando a despertar o interesse da Sociologia em seu estudo. A Escola de Chicago, nas décadas de 20 e 30, é pioneira no estudo da juventude, tendo como foco principal o estudo desta enquanto “problema social”, dando relevância a delinquência juvenil, como perspectiva para encarar as práticas, sobretudo, dos jovens pobres daquela época, e a consequente desorganização social decorrente do fato (ABRAMO, 1994, p. 10).

Por outro lado, desenvolvem-se também outras abordagens, talvez mais ligadas aos eventos que marcam jovens de estratos de renda mais elevados, que se desenvolvem no período pós guerra, relacionadas a ideia da “juventude enquanto período de crise potencial”. É somente a partir do pós segunda guerra, apoiado por um novo ciclo de desenvolvimento industrial e do *welfare state*, culminando na configuração de uma nova condição juvenil (ABRAMO, 1994, p. 28), é que temos a criação de uma cultura juvenil mais ampla, universalizada e mais atrelada aos meios de consumo em massa, desprendida do âmbito escolar por si só, para ser tematizada no amplo universo dos lazeres e do consumo.

A partir dos anos 60, a autora apresenta a relação do *conflito geracional* com a construção das culturas juvenis, como pautada nas rápidas mudanças sociais que aconteceram no período pós guerra, que produziram rupturas geracionais antes não presentes. Sendo assim, podemos compreender que

O principal sinalizador é a emergência de uma cultura juvenil ampla e internacional, ligada ao tempo livre e ao lazer, que abarca novas atividades e espaços de diversão e novos padrões de comportamento, especificamente juvenis, que produzem uma série de atritos e conflitos com as normas e as instituições e seus representantes. (ABRAMO, 1994, p. 28)

Podemos observar que este período é quando nasce uma cultura juvenil globalizada, construindo padrões de comportamento, a partir da criação de uma indústria voltada aos jovens, através da moda, música, cinema, etc. Portanto, não podemos perder de vista este momento, quando as culturas juvenis passam a compor um cenário mais amplo do que o que tínhamos nas primeiras décadas do século XX, sendo também elas responsáveis por estender a condição juvenil aos mais amplos setores da sociedade moderna.

Porém, antes de falar sobre as culturas juvenis, é necessário que façamos uma busca pela forma com que os autores que tivemos contato compreendem a juventude através de duas importantes perspectivas: a geracional e a classista.

A perspectiva geracional pode ser traduzida a partir da visão da juventude enquanto uma fase da vida, pautando a condição juvenil em termos etários, em que seus integrantes estão condicionados a fazer parte de uma cultura juvenil ampla e unitária (DAYRELL, 2005). Porém, esta concepção por si só não leva em conta os inúmeros elementos diferenciadores que existem de forma intrínseca à condição juvenil por si.

Os estudos que constroem e moldam esta perspectiva trazem consigo uma abordagem generalizante do que são as gerações para o universo juvenil, e devemos tomar cuidado com as generalizações que esta perspectiva pode carregar consigo, como nos alerta Turra Neto (2012)

[...] as diferenças socioespaciais jogam um papel na constituição da diversidade de respostas aos mesmos problemas, derivamos do contexto histórico, fazendo de cada *status* de geração uma pluralidade de experiências (de unidades de geração). É por isso que, ao falarmos da “geração transviada” dos anos de 1950, ou da “geração revolucionária” da década de 1960, devemos tomar cuidado com generalizações apressadas e considerar que, em alguns contextos, tais gerações nem sequer chegaram a existir (TURRA NETO, 2012, p. 35).

Ou seja, no trabalho supracitado o autor deixa claro que para além do forte aspecto temporal que esta perspectiva apresenta, ela também tem um viés espacial, já que a juventude não é um período da vida vivido de forma homogênea, mas sim de forma plural, de acordo com as possibilidades que cada indivíduo, ou cada espacialidade possui em determinado momento histórico.

Em contraponto a esta concepção geracional, temos a perspectiva classista, que compreende a juventude a partir das diferentes formas de vivenciar este período, mediado a partir das possibilidades e condições econômicas que cada classe social possui para a construção deste momento (DAYRELL, 2005).

Complementando esta concepção, Margulis (1997) a compreende no sentido das desigualdades inerentes a este período da vida, reforçando que a experiência da juventude não se apresenta de forma igual para todos e que as condições históricas e socioculturais postas aos diferentes grupos e tipos de jovens exercem um importante papel na forma de se vivenciar a juventude. Sendo assim, ele afirma que

Se há destacado la importancia de fenómenos culturales, relacionados con la estructura de clases, para dar cuenta de lo heterogéneo y desigual dentro del concepto "juventud". La ubicación en la estructura de clases incide en la extensión del lapso que transcurre entre la niñez y la plena asunción de la condición de adulto con las responsabilidades consiguientes. También determina experiencias culturales, formas de sociabilidade y alternativas de consumo (MARGULIS, 1997. p. 26).

Sendo assim, esta concepção classista é importante para a presente pesquisa, na medida em que partimos da premissa de observar jovens oriundos das periferias pobres de Presidente Prudente, que - embora não diretamente - coexistem e exercem suas possibilidades de lazer em um espaço próximo aos bares mais badalados da classe média prudentina, evidenciando estas distinções e distanciamentos das formas de se vivenciar a juventude.

Considerando a perspectiva da juventude inserida num contexto de consumo de signos que constituem a noção do que é ser jovem nos dias de hoje (DIÓGENES, 2008), é interessante pensar nas perspectivas e possibilidades que jovens pobres encontram para vivenciar a sua juventude. Dayrell (2005) apresenta a questão da juventude brasileira, num período de crise econômica dos anos de 1980/90, frente as imposições de um "consumo globalizado", crise esta como uma realidade para, sobretudo, jovens pobres.

Para o autor, esta crise é gerada a partir do entendimento de que

A pobreza mudou de forma, de âmbito e de conseqüências. Se, para as gerações anteriores, estava posta, mesmo que remota, a perspectiva de mobilidade por meio da escola e/ou do trabalho, para os jovens de hoje essa alternativa não mais se apresenta (DAYRELL, 2005, p. 24).

Ou seja, devemos compreender que é neste contexto em que se apresenta a crise, onde os antigos modelos institucionais de desenvolvimento e passagem para o "mundo adulto" não se apresentam como possibilidades de inclusão (DAYRELL, 2005), e neste contexto é onde podemos observar a dimensão classista desta crise, já a parcela da juventude que sofre com a falta de perspectivas para o futuro é justamente a que se constitui pelas classes mais baixas da sociedade, onde as possibilidades de se viver este período da vida são ditadas, sobretudo, pela escassez tanto da condição financeira quanto da mobilidade espacial e social que estes jovens encontram.

Portanto, reafirmamos esta perspectiva classista como a que mais nos amparou a construirmos uma primeira visão sobre os jovens que estudamos ao longo destes meses, servindo como uma lente fundamental para observarmos as distinções existentes entre as maneiras de se vivenciar a juventude, permeadas pelas diferenças de classes sociais.

Estas distinções emergem enquanto diferentes formas de se vivenciar e compreender a juventude, constituindo “culturas juvenis” distintas. E quando tratamos das culturas juvenis, não podemos deixar de nos preocuparmos com a forte relação destas com o momento do lazer. Em relação a isto, Pais (2003) argumenta que

Grande parte da sociologia da juventude tem passado pela sociologia do lazer. Pode mesmo dizer-se que quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar. Porque este insistente e tradicional interesse da sociologia da juventude pelos lazeres juvenis? [...] porque é no domínio do lazer que as culturas juvenis adquirem maior visibilidade e expressão (PAIS, 2003, p. 159)

Ou seja, fica posta a visão de que é no tempo livre, no momento do lazer, longe de todas as responsabilidades e obrigações do cotidiano, que emerge o verdadeiro sentido de “ser jovem”. E é nesta perspectiva em que a nossa proposta de pesquisa se encontra, pois o presente trabalho foi realizado exclusivamente durante o momento de lazer dos jovens que estudamos, quando emerge toda a efervescência deste período da vida.

Dando continuidade, achamos válido ressaltar a importância que a noite representa para as dinâmicas produzidas pelas culturas juvenis, tendo em vista que é o recorte temporal que fizemos para a realização deste trabalho. Margulis (1997) aponta que, do ponto de vista do espaço urbano, a noite consolida uma cidade diferente, menos iluminada, oferecendo uma “invisibilidade” perante os olhos dos agentes que ditam as dinâmicas da cidade durante o dia, dinâmicas estas geralmente relacionadas ao dia como sendo o período do cumprimento de obrigações sociais diversas, como o trabalho, os estudos, etc.

Desta forma, o autor nos traz a visão de que a noite representa para os jovens uma “ilusão de liberdade”, onde se estabelece um distanciamento entre o tempo do trabalho e o tempo da ociosidade, e é aí que a noite surge como o momento ideal para as dinâmicas do lazer empreendidas pelos jovens. Esta premissa é um importante apoio para o nosso trabalho, na medida em que observamos *in loco* a relevância do período noturno para o lazer empreendido pelos jovens que estudamos no Parque do

Povo, tendo em vista que este espaço público possui usos distintos ao longo das horas do dia, e é no período noturno que se observa a sua funcionalidade enquanto espaço de lazer para os jovens das periferias de Presidente Prudente.

Para concluir esta primeira parte da exposição dos principais pressupostos e referenciais teóricos, que nortearam a construção do objeto de estudo desta pesquisa, não podemos deixar de falar brevemente sobre a relevância da *sociabilidade* para a presente pesquisa.

Não compreendemos a juventude apenas como uma faixa etária, mas sim uma fase da vida em que as experiências de sociabilidade são particularmente intensas. Nesse sentido, estar entre iguais, em tempos e espaços diferentes daqueles controlados e constituídos pelo mundo adulto, tem papel fundamental na elaboração e exercício de culturas especificamente juvenis, que se dão em continuidade, mas também em ruptura com a cultura das gerações anteriores. Desta maneira, Cetrulo (1999), baseando-se em Simmel, argumenta que a sociabilidade se constitui a partir da neutralização das características individuais inerentes a cada indivíduo, pois as variadas diferenças que podem existir entre as pessoas são fatores que acabam por dificultar as relações de sociabilidade.

Para a sociabilidade, a relação social não carrega consigo um conteúdo ou finalidade determinados, a interação ocorre pelo simples prazer inerente a esta prática, tendo a conversação como a principal forma de realizá-la. Neste aspecto, o autor chama a atenção para a distinção entre sociabilidade e sociedade, pois nesta última, as interações ocorrem a partir de conteúdos e objetivos predeterminados, onde não é necessária a neutralização das características individuais dos indivíduos envolvidos no processo (CETRULO, 1999).

Dessa forma, acreditamos que seja impossível realizar um estudo sobre as dinâmicas juvenis no espaço urbano sem nos atentarmos sobre os preceitos básicos inerentes à sociabilidade juvenil.

Um último aspecto da sociabilidade que julgamos importante para o presente trabalho parte do que o autor vai compreender enquanto “jogo de sociedade”. Isto nada mais seria do que o esforço dos participantes em obter sucesso no momento sociável, sob a forma de um jogo de “faz de conta”, com cada indivíduo suprimindo seu *eu* verdadeiro, dando lugar ao *eu* inventado, que só toma lugar neste momento de jogo (CETRULO, 1999). Daí a impossibilidade destas relações serem firmadas quando distinções socioculturais são explicitadas no momento de sociabilidade. Nas palavras do autor

Ora, entre classes sociais muito diferentes fica difícil se chegar a um ponto comum no qual a conversa possa fluir sem que surjam as diferenças de formação, de pensamento, etc. que tornariam o jogo de sociabilidade impraticável (CETRULO, 1999, p. 20)

O argumento do autor serve como um reforço para pensarmos as relações conflituosas que possam ocorrer em espaços como o que estudamos no presente trabalho, tendo em vista que se trata de um espaço público localizado em uma localidade privilegiada no ponto de vista das dinâmicas da noite prudentina, e que embora o espaço delimitado do Parque do Povo - que é o foco de nosso trabalho - apresente um contingente bem homogêneo do ponto de vista socioeconômico e sociocultural, como veremos mais adiante no trabalho, não podemos ignorar as potenciais tensões socioespaciais que podem ocorrer na localidade.

Terminada esta primeira parte da apresentação dos principais conceitos e premissas sob as quais se fundamenta o nosso trabalho, passamos agora a apresentar, de forma breve, os principais preceitos das dimensões espaciais e territoriais que nortearam nossos esforços ao longo da pesquisa.

Inicialmente, achamos importante pontuar o que compreendemos enquanto “mancha de lazer”, tendo em vista que esta é uma noção que está diretamente atrelada à realidade que estudamos e vivenciamos ao longo dos últimos meses.

Magnani (1992) traz a noção de “mancha de lazer” enquanto uma porção da cidade caracterizada pela concentração de estabelecimentos diversos, voltados ao lazer e diversão, servindo enquanto ponto de referência para um número diversificado de pessoas. Sendo assim, é válido ressaltar que as manchas - independente de suas especificidades - não podem existir sem uma interrelação entre os equipamentos que constituem-na como tal, para que se tornem um “[...] ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (MAGNANI, 1992, p.197).

Desta forma, compreendemos, a partir da explicação do autor, que a coesão territorial entre equipamentos e estabelecimentos que possuem similaridades em seus usos e finalidades faz emergir uma mancha enquanto referencial espacial.

Especificando o nosso caso, previamente ao início dos trabalhos já tínhamos conhecimento da existência de uma mancha de lazer localizada nos arredores do Parque do Povo, em convergência com a área de interesse de nosso estudo, formada pelo conjunto de bares estabelecidos ao longo de duas quadras da Avenida 14 de Setembro, avenida esta que margeia o Parque do Povo em toda sua extensão norte-sul.

Porém, ao longo das observações realizadas no local, e com o apoio de um estudo previamente realizado pela pesquisadora Nathália Santos Brustelo, que tinha

como objetivo a observação das dinâmicas do lazer estabelecidas por jovens dentro das dependências do *Prudenshopping*, pudemos observar a existência de uma “mancha de lazer”, tendo o supracitado *shopping center* e o Parque do Povo como os equipamentos centrais para esta dinâmica em particular.

Dessa forma, ao longo do trabalho, iremos usar em vários momentos o termo “mancha de lazer” ou centralidade do lazer, para explorar os resultados de nossa pesquisa, tendo em vista que embora o objetivo inicial de nosso trabalho fosse observar as tramas do lazer estabelecidas pelos jovens no Parque do Povo, notamos que pela forte correlação entre os dois espaços seria impossível tratar de um sem levar em consideração os fluxos existentes entre as localidades.

O nosso trabalho também visa compreender as formas com que estes jovens de periferia estabelecem suas territorialidades nesta centralidade do lazer, carregando consigo as marcas da cidade “proscrita” que habitam (DIÓGENES, 1998). Sendo assim, é necessário resgatarmos os preceitos fundamentais do que significa o território enquanto conceito geográfico.

É válido ressaltar a negligência com que as Ciências Sociais tratam o debate espacial, sobretudo na perspectiva da territorialidade, evidenciando uma falta de diálogo com a ciência que teria o total respaldo para acrescentar as definições conceituais que foram construídas ao longo das décadas, no caso, no âmbito da ciência geográfica (HAESBAERT, 2004). Desta forma, é também um dos esforços que buscamos atingir com o presente trabalho, a realização deste diálogo entre as ciências, tendo em vista que nos utilizamos de conceitos formulados no âmbito das Ciências Sociais, mas temos como intenção central a sobreposição de alguns conceitos oriundos da Geografia - tal como o território - buscando ampliar a compreensão dos resultados que obtivemos.

O território é um conceito amplo, e juntamente com os conceitos de espaço e de lugar compõe as bases da ciência geográfica, mostrando-se presente desde os primórdios da construção da Geografia enquanto ciência. Haesbaert (2004) compreende o conceito de território através de três vertentes básicas, como segue

- **política** (referida às relações de espaço e poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado.
- **cultural** (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

- **econômica** (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2004, p. 40. Grifos nossos)

E somando-se a estas três concepções primordiais, também devemos pontuar a compreensão do território natural (ou naturalista) que o autor supracitado nos coloca, fundamentalmente pautado nas relações homem-natureza.

Dessa forma, compreendemos que a Geografia tem a tendência de compreender o território com maior ênfase em sua dimensão política, entendendo-o a partir das relações de poder. Contudo, para o nosso trabalho esta dimensão se mostra além do que necessitamos ter como ferramenta para compreender as territorialidades produzidas pelos jovens no Parque do Povo, onde seria necessária uma aproximação à dimensão simbólica que Haesbaert coloca, a partir da dimensão cultural ou culturalista do território. Para esta análise, compreenderemos as territorialidades a partir da perspectiva das chamadas microterritorialidades.

Conceitualmente, a microterritorialidade expressa sua complexidade ao se caracterizar por uma expressão territorial produzida a partir da “apropriação pela presença”, ou seja, pela vivência que se produz em determinado espaço (COSTA, 2013). Portanto, a subjetividade que esta concepção carrega em si é o elemento que a torna complexa, pois ele se baseia na relação que se faz com o espaço material, a partir da presença e das interações que se realizam. Em suma, podemos compreender que

Por conseguinte, em virtude de muitas outras questões que envolvem as relações humanas com o espaço imediato de subjetivação e objetivação, vem a ideia da “microterritorialidade”. Em primeiro momento, os sujeitos apresentam-se e agem no espaço material, modificando o uso e a forma com sua presença, mas isto é produzido/reproduzido em meio a uma complexidade de ações que remetem à objetivação das subjetividades em diversos e complexos jogos de relações (COSTA, 2013, p. 65).

Sendo assim, acreditamos que esta concepção é a que nos traz os elementos necessários para compreendermos as formas de apropriação e usos realizados pelos jovens oriundos das periferias pobres prudentinas no Parque do Povo, em seus momentos de lazer. E esta apropriação acontece de forma momentânea, em condições de tempo e espaço muito bem delimitadas, tendo em vista que acontecem de maneira sobreposta a uma localidade previamente estabelecida com seus usos muito bem circunscritos, já que o Parque do Povo não foi concebido de forma

específica para as práticas estabelecidas pelos jovens das periferias pobres, aos fins de semana. E é nestas “brechas” do espaço social (COSTA, 2013) que as microterritorialidades produzidas pelos jovens estudados emergem.

Apresentado este breve apanhado conceitual e teórico em relação aos temas que nortearam a realização da presente pesquisa, passamos agora a apresentar um pouco do histórico do município de Presidente Prudente, e a instalação do Parque do Povo ao longo das décadas.

2. O PARQUE DO POVO EM PRESIDENTE PRUDENTE

Presidente Prudente localiza-se na porção oeste do Estado de São Paulo, a aproximadamente 560 km da capital paulista, e possui uma população estimada de 207.625 habitantes (IBGE, 2010). A cidade exerce papel de pólo regional para os municípios de seu entorno, sendo a cidade sede da 10ª Região Administrativa de São Paulo, atraindo e centralizando diversas formas de serviços em seu raio de influência.

Abreu (2001), que em seu texto busca estabelecer um esboço histórico da fundação de Presidente Prudente, afirma que os pioneiros da região chegaram na segunda metade do século XIX. Trata-se dos mineiros José Teodoro de Souza, João da Silva Oliveira e Francisco de Paula Moraes. A partir da chegada destes, e da constatação de terras potencialmente produtivas para a agropecuária, os pioneiros atraíram diversas famílias de Minas Gerais a se estabelecerem na região.

Este primeiro momento foi caracterizado pela extrema concentração fundiária entre os três pioneiros que, paulatinamente, foram se subdividindo em propriedades menores (porém, ainda grandes latifúndios), através da venda e concessão de terras para o fomento da colonização da região. Abreu (2001) coloca que o povoamento era esparso e sem um centro urbano que polarizasse e fornecesse suporte às atividades ali empreendidas neste primeiro momento.

O café foi o ponto chave para a expansão das atividades econômicas na região, em meados da década de 1920. Neste momento, a produção do café, dinamizada pela facilidade no transporte que a ferrovia Alta Sorocabana dispunha para a época, fomentou a criação de núcleos urbanos como apoio à esta atividade. O autor argumenta que

É dentro deste contexto da marcha do café pelos espigões do Oeste de São Paulo, tendo como amparo a Estrada de Ferro Sorocabana, que se coloca o aparecimento de Presidente Prudente. A busca de solos virgens para o café, a especulação com terras e a colonização pelo loteamento de grandes glebas resumem as características do povoamento na Alta Sorocabana, a partir da década de 20. [...] Os fundadores de Presidente Prudente - Coronel Francisco de Paula Goulart e Coronel José Soares Marcondes - ambos fazendeiros de café e negociantes de terra, vieram participar da fortuna que o café propiciava, arrastando com eles milhares de lavradores que vieram cumprir nova etapa na exploração econômica e povoamento do antigo Sertão do Paranapanema (ABREU, 2001, p.13).

Sendo assim, a cidade de Presidente Prudente foi fruto da fusão de dois núcleos urbanos criados para ampararem as negociações de terras pelos Coronéis Marcondes

e Goulart em 1917, sendo oficializado pela lei nº 1798 de 28 de novembro de 1921, e instalado em 27 de agosto de 1923 (ABREU, 2001, p.14).

Sposito (1983) explora alguns aspectos fundamentais para o rápido desenvolvimento do núcleo urbano de Presidente Prudente. Para a autora, um dos fatores fundamentais para isto foi a política de loteamento urbano empreendida pelos dois coronéis, com vistas à dinamização da venda de lotes rurais das glebas de Montalvão (hoje distrito de Presidente Prudente), e Pirapó-Santo Anastácio. Ao longo da década de 1920, diversos tipos de equipamentos urbanos chegaram à recém fundada cidade, como um distrito policial, núcleo escolar, paróquia religiosa, entre outros, e assim alcançando um patamar em questões de autonomia político-administrativa inéditos para a região (SPOSITO, 1983, p.59-0).

Ao longo das décadas, a cidade se firmou como capital regional, sendo oficializado pela sua categorização como sede da 10ª Região Administrativa do Estado, em 1970 (SPOSITO, 1983, p.60), e assim concentrando diversos órgãos regionais de secretarias do governo estadual, descentralizados da capital, o que fazia com que a cidade polarizasse as cidades menores da região em termos de oferta de serviços públicos básicos. A esta polarização, não demorou para que se somasse também uma polarização de caráter comercial e de serviços privados, que daria a Presidente Prudente o *status* de cidade média.

Segundo a autora, podemos observar que a expansão da malha urbana para o que temos hoje ocorre entre as décadas de 1940 e 80, sendo que a ocupação de nossa área de interesse - o Parque do Povo e seu entorno - aconteceu de forma mais efetiva entre as décadas de 1960 à 80.

No final da década de 1970, o governo municipal, apoiado por recursos do Programa CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada), que seria um dos programas de financiamento do extinto Banco Nacional da Habitação (BNH) do regime militar, dá início às obras que originaram o Parque do Povo (BERNARDELLI, 2001). Bernardelli (2001) apresenta em seu texto as três edições do Programa CURA em Presidente Prudente, que trouxeram profundas mudanças urbanas no espaço prudentino. Conforme a autora

O Programa CURA foi um dos ramos de uma política urbana que propunha promover o “desenvolvimento urbano” no Brasil, sendo que esse foi utilizado como sinônimo de progresso, porém limitado à esfera econômica, agravando a esfera social. No bojo dessa concepção desenvolvimentista, questões como a degradação sócio-ambiental e melhores condições de vida para o conjunto da sociedade foram postas a margem do “progresso econômico”, daí resultando no que muitos autores

chamam de “modernização conservadora” (BERNARDELLI, 2001, p.124)

Assim, podemos ter a compreensão de que a instalação do Parque do Povo como mera solução dos ditos “problemas” de um córrego urbano e fomento da especulação imobiliária de seu entorno imediato não refletiu como melhoria para a população que habitava este ponto da cidade.

Calixto (2001) se aprofunda na questão do Parque do Povo em seu trabalho, mostrando como esta (re)estruturação no espaço urbano representou uma profunda alteração do padrão ocupacional do entorno.

A autora denuncia o perverso processo de desapropriação das áreas do entorno, de aproximadamente 330 propriedades, quando o poder público, agindo de forma unilateral, passou a despejar os proprietários de seus direitos de posse da terra, não realizando indenizações de forma prévia e justa, sendo que até meados da década de 1990, mais de um terço das famílias desapropriadas não possuíam imóveis cadastrados em seu nome, além de que vários foram deslocados para ocupações longínquas, conforme depoimentos de moradores da época (CALIXTO, 2001, p.144-5).

Neste sentido, a autora nos coloca um ponto interessante sobre a constituição do Parque:

A realidade vem reforçar a idéia de que o parque denominado do povo, era muito mais do povo anteriormente que após o término das obras, havendo, ainda, um evidente descompasso entre o preço da indenização recebida pela perda da propriedade e os novos preços que o m² atingiu na área. O que num primeiro momento apareceu como um benefício, acabou por se converter em instrumento de expropriação, deixando claro que o poder de intervenção e reivindicação dos agentes envolvidos no processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano é diferenciado, cabendo ao poder público local mediar os conflitos de interesses. (CALIXTO, 2001, p.144)

Vemos que o poder público não agiu de forma imparcial no caso, fomentando o desenvolvimento para o pleno benefício dos agentes privados. Como argumenta Correa (2002), a ação do Estado

[...] é marcada pelos conflitos de interesse dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como das alianças entre eles. Tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos da classe dominante que, a cada momento, estão no poder (CORREIA, 2002, p.26).

Estes aspectos evidenciam que a instalação do Parque do Povo, apresentada como “solução” para os problemas desta parte da cidade, mais do que alterar o córrego, que passou a figurar como a causa dos problemas, alterou todo o conjunto urbano de seus bairros circundantes, que, de área desvalorizada do ponto de vista social e econômico, passou a ser uma das áreas mais valorizadas da cidade.

Concordamos com Calixto (2001) quando a autora ressalta a importância de pensarmos este processo de (re)estruturação e (re)produção do espaço urbano ocorrido não somente no Parque do Povo enquanto espaço público consolidado, oriundo de pesados investimentos públicos, mas também a partir da questão social que o parque abrange. Devemos pensar o parque também a partir de seus usos e consumos, ou seja: quem o utiliza e para que utiliza? (p. 147)

Hoje, o Parque do Povo representa o espaço público de maior frequência na cidade, tendo usos múltiplos ao longo das horas do dia e dos dias da semana. Serve como pista para caminhadas nos fins de tarde dos dias da semana, como espaço de lazer para as noites, levando em conta seus equipamentos (públicos ou não) que existem interna e externamente em seu perímetro. Mas a sua localização não foi realizada ao acaso, hoje o Parque do Povo está inserido em uma das áreas mais valorizadas da cidade, com grande parte da classe média/alta prudentina habitando seus arredores.

Este é um dos fatores que nos auxiliaram a construção de nosso objeto de estudo, pois a simples presença destes jovens de periferia nos fins de semana, consumindo e coexistindo no ponto mais luminoso da cidade em termos de lazer noturno, pode ser interpretada enquanto um movimento de rebeldia (mesmo que inconsciente por parte dos praticantes), que corresponde a um aspecto singular do período da juventude que vivenciam.

A entrevista realizada com o Sr. Jorge Batista da Silva, conhecido como Batista, e proprietário do *Batt's Burger*, lanchonete localizada dentro de nosso recorte selecionado para a pesquisa, em funcionamento desde 1993, foi de grande auxílio para obtermos um breve histórico daquela área, bem como algumas transformações ocorridas no entorno. Podemos observar a seguir alguns trechos que explicam esse período de transformações no Parque

E: Há quanto tempo você trabalha neste ramo de lanchonetes?

B: Eu estou nesse pedaço aqui desde 1993...

E: Desde 1993? E este é o seu primeiro negócio no ramo?

B: Antigamente eu vivia no Paraná, eu era motorista de caminhão.

A: Mas lanchonete mesmo, essa seria a primeira certo?

E: Sim, lá eu era caminhoneiro... Daí eu trabalhei na prefeitura aqui em Prudente, na garagem da Prudente, fiquei acho que

dois ou três anos e pouco, aí comprei esse ponto e estou aqui até hoje, desde 1993/94.

E: Entendi... Mas essa compra, como ela funcionou? Você adquiriu através da prefeitura?

B: Não, aqui eu comprei de um rapaz que era policial que tinha um “trailer de lata” ali em cima, e o “trailer de lata”... como disse o secretário de obras, que na época era o Tupã, hoje atual prefeito, aí ele passou o seguinte pra mim “que vamos tirar as ,latas” da cidade, e vamos fazer tudo em alvenaria pra melhorar”. Aí ele passou pra mim aqui, e estou aqui até hoje.

Sendo assim, podemos verificar por esse trecho como foi iniciativa da própria prefeitura a criação destes pequenos estabelecimentos do ramo alimentício que hoje temos ao longo do Parque do Povo. O caso específico da lanchonete do Batista aparenta ser a regularização de um estabelecimento que já existia anteriormente, em uma situação de maior precariedade, e a iniciativa da prefeitura apenas substituindo o estabelecimento dele por outro, este feito de alvenaria, que condizia com as propostas de reforma paisagística do Parque do Povo na época.

É válido ressaltar que estas reformas foram se intensificando ao longo dos anos, dando inúmeras atividades possíveis para os diferentes públicos que frequentam o parque com diferentes intencionalidades possam desfrutá-las.

Em relação a época de implantação de seu estabelecimento, o entrevistado nos dá algumas informações interessantes

E: Mas então, ao longo dos anos que você trabalha aqui no local, você notou algumas mudanças nos arredores do seu estabelecimento? Tanto no Parque do Povo, quanto nos comércios do entorno.

B: Ah mudou sim, mudou pra melhor. Quanto eu entrei aqui em 93/94 era coisa de outro mundo, era um buracão, tudo malfeito, depredado... Depois que entrou um pessoal novo na prefeitura, que nem o Tupã quando foi secretário de obras do Professor Agripino, deram uma arrumada boa na cidade, melhorou bem. Do jeito que tava era horrível, não tinha nem jeito do pessoal andar aqui pelo Parque, era um buracão degradado, não tinha nem jeito do pessoal caminhar nem nada.

E: Entendi... Mas ainda em relação as mudanças, você notou alguma mudança no público que frequenta o Parque do Povo ao longo do tempo?

B: (pequena pausa) o público do Parque do Povo antigamente era um pessoal mais inferior, sabe? Um povo mais diferente. Hoje melhorou, principalmente a tarde, você vê um pessoal mais civilizado aí no Parque... Antigamente era diferente, hoje mudou bem. O que tem aí é de sexta e sábado essa molecada, que eles não tem pra onde ir na cidade e o ponto de encontro deles é aqui, o Parque do Povo. Daí sempre tem uns “mais bons”, uns “mais ruins”, mas a gente não pode desprezar ninguém, né?

O início da década de 1990, quando, segundo o entrevistado, o Parque passou por melhoras, inclusive com a instalação de equipamentos como lanchonetes como a que ele ocupa hoje, coincide com a implementação do *Prudenshopping*, localizado entre as Avenidas Manoel Goulart e Washington Luiz, a poucos metros do limite norte do Parque do Povo.

Brustelo (2013), em sua pesquisa que teve como foco o movimento empreendido pelos jovens de periferia neste shopping, apresenta um breve histórico da implementação deste equipamento comercial. Segundo a autora, o *Prudenshopping* foi inaugurado em 1990, trazendo um novo padrão de consumo que até então não existia em Presidente Prudente. Vale ressaltar que o empreendimento foi realizado com incentivo do poder público, o que nos remete a pensar que a sua implementação naquele local especificamente não se fez por acaso, mas sim de forma racionalizada, pensando a reestruturação daquela porção do espaço urbano prudentino. Montessoro (2001) em relação a localização do empreendimento, afirma que

No que se refere à sua inserção no conjunto da cidade, observa-se que sua localização é estratégica em relação às áreas residenciais de padrão ocupacional alto e médio, grande parte delas próxima à Avenida Washington Luiz e àquelas localizadas no sul do Parque do Povo (incluindo os condomínios fechados), que se articula à Avenida Manoel Goulart em rotatória a menos de cem metros da entrada do shopping (MONTESSORO, 2001, p. 224).

Pensando neste sentido, podemos interpretar as intencionalidades intrínsecas ao projeto. A implementação daquele equipamento de consumo e lazer, somado as melhorias que aconteceram ao longo das décadas no Parque do Povo se mostram amplamente ditadas pelos rumos do capital, e não surpreendentemente, privilegiaram primordialmente aqueles habitantes ou proprietários de terras e imóveis de seu entorno imediato, que também são os cidadãos que possuem destacado poder aquisitivo e influência política na cidade.

Então, acreditamos que se hoje temos presente nesta localidade o que chamamos de “mancha de lazer”, construída e vivenciada pelos jovens das periferias pobres da cidade, muito se deve a este processo anterior, que visava segregar ainda mais o espaço urbano prudentino, a partir da criação de todo um conjunto de equipamentos e infra-estrutura voltados exclusivamente para o entorno imediato das classes mais altas da cidade.

Voltando ao foco de nosso trabalho, que é pensar o lazer noturno dos jovens das periferias pobres de Presidente Prudente no Parque do Povo, acreditamos que seja válido ressaltar, de forma breve, as tramas que foram exercidas na segunda metade

dos anos 2000, que foi o último grande movimento realizado por jovens também moradores das periferias de Presidente Prudente, que foi observado e catalogado em formato de pesquisa.

O trabalho em nível de graduação realizado por Pereira (2012), também orientado pelo Professor Nécio Turra Neto, traz dados e relatos importantes do movimento que acontecia aos fins de semana no Jardim Bongiovani. Bairro este que se localiza na zona sul da cidade de Presidente Prudente, e tem majoritariamente um contingente de habitantes das classes mais abastadas da cidade. Mas não apenas famílias de classe alta vivem nesta parte da cidade, já que neste bairro também se localiza um campus da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), e levando em conta a sua presença, temos uma grande quantidade de universitários que também vivem neste bairro.

Sendo assim, a presença destes universitários gera diversos tipos de demanda, que vão desde aspectos relacionados a moradias destinadas a estudantes (como pensionatos, *kitnets*), pequenos centros comerciais (mini-mercados, restaurantes), e até mesmo lazer noturno. Sobre esta formação, o autor coloca que

Nosso interesse de estudo recai, portanto, sobre uma “**mancha de lazer noturno**”, aquela que se formou no Jardim Bongiovani, um espaço especializado para atender as demandas de entretenimento noturno, voltado para um público predominantemente jovem, que se deu através da coesão espacial entre os estabelecimentos (casas noturnas, bares, boates), que juntos, conseguem atrair grande público, cujo interesse comum – se divertir – produz esta centralidade do lazer noturno na cidade de Presidente Prudente. (PEREIRA, 2012, p.28 - grifo do autor)

E a partir desta mancha de lazer que se consolidou neste bairro, ao longo dos anos, foi sendo identificada uma mudança no perfil dos jovens que frequentavam o local, que antes era constituída majoritariamente por jovens universitários de classe média, naquele momento também passou a contar com uma massiva inserção de jovens das periferias pobres de Presidente Prudente naquele contexto de lazer.

A partir desta inserção dos jovens neste local, a própria mancha de lazer passa a se transformar, tendo em vista que o perfil dos jovens se transformou com a chegada deste público, culminando no afastamento dos antigos frequentadores - universitários de classe média - para outras localidades da cidade, e obrigando os empresários do lazer noturno, que tinham seus estabelecimentos naquela área, a realizar mudanças a fim de atender as novas demandas produzidas por estes jovens que, à sua maneira, realizaram transformações no local.

Hoje este local não possui mais estas características que foram observadas por Pereira (2012), na época em que realizou suas observações, já que os equipamentos de lazer que funcionavam como principal atrativo para as tramas do lazer que ali ocorriam foram paulatinamente fechando suas portas.

Paralelamente, outra mancha de lazer emergia na cidade, em torno do Parque do Povo, com oferta de bares com música ao vivo e proposta de serem baladas que adentrem a madrugada. O público de melhor poder aquisitivo que antes frequentava o Bongiovani passou a se concentrar ali. Ao mesmo tempo, no Parque do Povo e no *shopping center*, desde a década de 1990, é conhecida a frequência por jovens das periferias pobres.

Atualmente, aquela infraestrutura abandonada no Bongiovani poucos anos atrás está novamente recebendo novos investimentos, desta vez voltados ao público LGBT de Presidente Prudente, com dois estabelecimentos localizados um ao lado do outro.

Portanto, achamos que é interessante apresentar o aspecto volátil das tramas do lazer noturno, onde nada se mostra essencialmente fixo no espaço, e os locais, os públicos, as demandas variam conforme os tempos.

Mas vale ressaltar que ao explorar estas dinâmicas do lazer noturno que Pereira (2012) observou em seu trabalho, não temos a intenção de aproximar, ou afirmar que o movimento que existia no local estudado por ele e que hoje já não existe mais tenha sido “transferido” para a nossa área de interesse - porção norte do Parque do Povo - pois apesar de tratarmos com jovens que habitam as mesmas partes da cidade, e possuem diversas características em comum, o aspecto que constrói um distanciamento entre os jovens que pesquisamos se relaciona com a faixa etária. O trabalho realizado pelo autor supracitado apresenta um contingente que supera os 70% de jovens maiores de idade, uma faixa etária muito diferente da que encontramos em nosso trabalho, onde temos aproximadamente 70% de nossos entrevistados com idades entre 14 e 17 anos.

Também é válido estabelecermos a compreensão de que, até mesmo as dinâmicas do lazer, e as possibilidades de consumo oferecidas entre os dois casos, tinham uma diferença substancial. No caso do trabalho realizado no Bongiovani, o fator principal que atraiu os jovens de periferia para o local eram as boates, que num primeiro momento se destinavam a outros públicos, mas a partir da permanência destes jovens no local, estas passaram a atender suas demandas também. Enquanto o caso que estamos explorando neste trabalho tem como principal fator de atração a presença do *Prudenshopping* e as dinâmicas do lazer que acontecem neste

equipamento de consumo aos finais de semana, que acaba tendo uma importante extensão para o Parque do Povo em seu extremo norte.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A natureza da presente pesquisa exige metodologias específicas para que possamos estabelecer um contato profundo e efetivo com o objeto de estudo. Sendo assim, não poderíamos realizar nossas pesquisas apenas nos apoiando nos referenciais teóricos relativos à juventude e não realizando uma aproximação com nosso objeto de estudo. Desta forma, aqui apresentaremos os referenciais teóricos que possibilitaram e nortearam a nossa inserção no campo.

Vale ressaltar ainda que grande parte das metodologias que empregamos são oriundas e mais usualmente utilizadas nas ciências sociais (antropologia, sociologia, história), não tendo bases muito aprofundadas na ciência geográfica. Desta maneira, buscamos nos aproximar destas estratégias metodológicas, a fim de possibilitarmos o pleno estudo das juventudes em sob a ótica da Geografia.

Sendo assim, pautamo-nos majoritariamente no texto de Winkin (1998), que nos apresenta uma abordagem histórica da evolução da pesquisa etnográfica, bem como um “guia” metodológico para embasar a observação em campo. Complementando as ideias deste autor, também utilizamos os pressupostos contidos nos textos de Cicourel (1980) e Boni e Quaresma (2005), que possuem um foco maior na observação participante - parte indispensável de nossa pesquisa.

Apresentaremos inicialmente os aspectos metodológicos que nortearam nossas incursões em campo desde seu início e, posteriormente, os aspectos inerentes a aplicação de enquetes e entrevistas, que foram realizadas em campo.

Em suma, os pressupostos relativos ao trabalho de campo de cunho etnográfico apontam para um mergulho na realidade a ser estudada, tendo em vista a participação do pesquisador no contexto a ser pesquisado, através da observação e interação com as pessoas, tendo como objetivo central a produção de informações pertinentes à pesquisa.

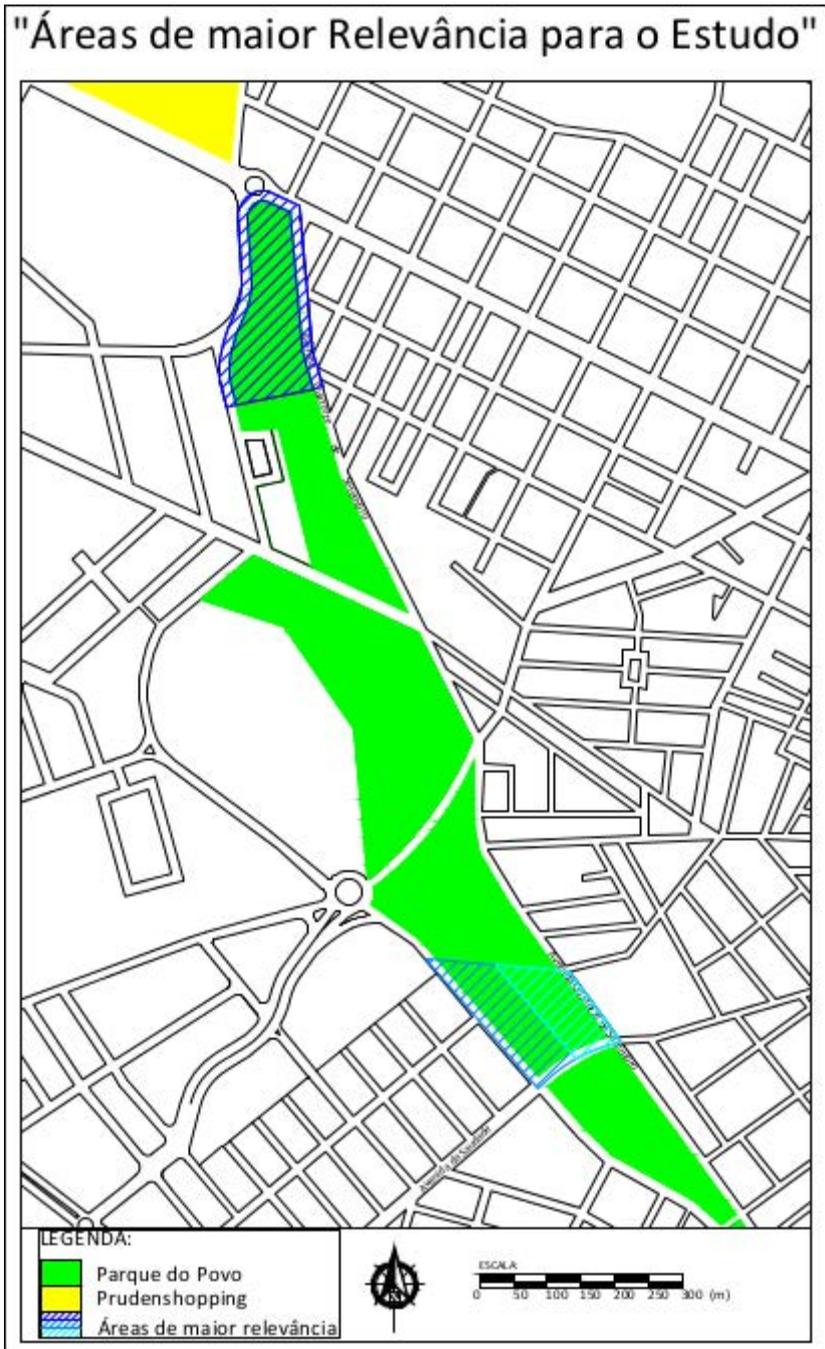
Winkin (1998) nos faz algumas recomendações para otimizar os trabalhos de campo em pesquisas etnográficas. A primeira recomendação vai no sentido de sempre optarmos por lugares simples, comuns, pois, eventualmente - mesmo que não a primeira vista -, essas localidades se mostrarão de extrema complexidade. O segundo ponto crucial para o autor é que devemos ter a preocupação de que as observações realizadas possam ser sistematizadas, em que possamos delimitar nosso recorte territorial mentalmente, delimitar onde ele começa e onde termina, além da realização de mapas temporais, pelos quais temos a possibilidade de interpretar as variações de um determinado local, sejam elas em relação ao movimento, ou em relação a diferenças das pessoas que frequentam, em diferentes horários e dias.

Por fim, a terceira recomendação feita pelo autor é no sentido da flutuação que devemos realizar entre a prática e a teoria. Como este tipo de pesquisa se caracteriza por um mergulho em uma realidade muito circunscrita, dificilmente encontraremos nos referenciais bibliográficos os caminhos exatos para compreendermos o nosso objeto de estudo em específico. Porém, as referências atuam no sentido de auxiliar-nos na problematização da realidade, além de nos colocar mais próximos de bases teóricas e conceitos, que servirão como um “norte” para os momentos iniciais da pesquisa, nos auxiliando a compreender aspectos que talvez não nos atentaríamos sem essa base.

Estes primeiros pressupostos foram de suma importância para o início desta etapa da pesquisa, entre dezembro e janeiro de 2014. A maior contribuição destes aspectos foi a partir de nossa intencionalidade inicial, já que o projeto continha não apenas um recorte territorial, mas três. E a partir da realização das observações e o consequente afunilamento de nossa problemática, pudemos reduzir nosso recorte para apenas um, mas sem perder de vista o nosso foco inicial, que são os jovens das periferias pobres de Presidente Prudente, que realizam suas práticas de lazer no Parque do Povo, aos fins de semana.

Uma outra contribuição do autor refere-se à importância que ele atribui ao diário de campo. Através de três pontos, Winkin (1998) explicita a relevância da boa utilização desta ferramenta. A primeira é emotiva, ou seja, que o pesquisador possa escrever da forma que seja mais conveniente para si próprio, e que assim ele seja de cunho particular, para que o etnógrafo sinta-se a vontade para realizar suas anotações. A segunda é empírica, ou seja, deve-se anotar tudo que seja observável de início, até que o pesquisador ganhe experiência nesta prática e possa ser capaz de filtrar informações desnecessárias. E a terceira é reflexiva e analítica, onde o pesquisador revê as informações contidas no diário de campo e a partir dela realiza suas anotações e impressões que não puderam ser observadas no momento anterior.

Sendo assim, os trabalhos de campo preliminares, realizados entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, resultaram em uma compilação dos diários de campo anotados neste breve período mais intensivo das incursões, quando pudemos afunilar nosso recorte territorial, como já dito anteriormente. Na sequência, veremos o mapa que apresenta estes três recortes territoriais dentro do Parque do Povo, conforme consta em nosso projeto inicial, e bem como os relatos de campo que nos auxiliaram a pensar quais recortes atenderiam seriam mais pertinentes que receberem uma atenção mais aprofundada.



Mapa 1: recorte inicial do projeto
Org: Barreto Netto (2013)

RECORTE NÚMERO 1 (Convergência com a Av. Manoel Goulart)

- Os dias da semana mais relevantes, como era esperado, são a sexta-feira, o sábado e o domingo, ou seja, os finais de semana. Embora com o período de férias, fosse possível ver um movimento relativamente interessante em dias de semana, não se mostrava tão relevante quanto aquele de final de semana. Com o retorno das aulas do

sistema público, os jovens também passaram a se resumir, preferencialmente, aos fins de semana.

- A chegada dos jovens se dá entre as 18h e 20h, e com o esvaziamento da área se dando por volta das 23h, horário em que os últimos ônibus passam. Inclusive, é interessante observar como ocorre um esvaziamento intenso neste horário. Estimo que o movimento chegue a diminuir em cerca de 80-90%.

- A faixa etária dos frequentadores é bastante variável, mas a esmagadora maioria é composta por menores de idade, com até alguns casos que chamam a atenção, de crianças, que não aparentam ter mais do que 11 anos de idade, andando em grupos de jovens um pouco mais velhos.

- O consumo e tráfico de drogas é um fator recorrente, e bem territorializado. O tráfico ocorre no trajeto entre o “Batt”s Burger” e o estacionamento adjacente aos outros quiosques, principalmente na chamada “Casa do Papai Noel”, local utilizado pela prefeitura nos fins do ano para representação natalina, e no resto do ano como ponto de venda de artesanato durante o dia. É o local mais “ameaçador” entre todos, sem a menor sombra de dúvida, tendo em vista a presença explícita de uso e venda de drogas.

- O domingo apresenta uma dinâmica diferenciada, pois observamos domingos tão movimentados quanto os outros dias de nosso interesse, mas também alguns em que o movimento estava bastante baixo. Mas, ainda assim, o dia se mostra interessante, principalmente nos outros recortes territoriais, como veremos adiante.

- Em relação às tensões, como a diferença de classes não é um fator que parece estar presente neste local, imagino que disputas territoriais, ou entre diferentes bairros possam ser mais recorrentes. Porém, nos trabalhos de campo feitos, não foi observada nenhuma confusão do tipo e os jovens de diferentes grupos frequentemente se cumprimentam ao se cruzar, mostrando cordialidade, ou até mesmo respeito mútuo. Os jovens das camadas mais altas de renda, nestes dias e horários, não frequentam o Parque do Povo nesta área, visto que estão do outro lado da rua, nos estabelecimentos privados. Isto não faz desta área, como imaginávamos anteriormente, um espaço de coexistência de sujeitos de diversas classes sociais.

- A concentração de jovens no estacionamento localizado próximo ao “Giga Lanches” é formada, primordialmente, por jovens que, embora também de periferia, em sua maioria, possuem algum tipo de veículo, evidenciando uma diferença etária em relação ao outro ponto do Parque, por já possuírem carteiras de habilitação e veículos. Em alguns dos carros, é possível ouvir tocando, em alto e bom som, diversos tipos de música, sobretudo funk e sertanejo. Neste local, o movimento permanece para além

das 23 horas (o horário dos últimos ônibus), mas frequentemente é “encerrado” pela polícia.

- Por fim, estabeleci um diálogo com o Batista, dono do “Batt’s Burguer”, e ele concordou em ser entrevistado em data a definir. Ele possui o ponto desde 1994, e parece ser uma importante testemunha da transformação do local e das mudanças de comportamento dos jovens frequentadores.

RECORTE NÚMERO 2 (pista de skate e entorno)

- O recorte está delimitado pelas Avenidas da Saudade, 14 de Setembro, 11 de Maio e o prolongamento da Av. Celestino Figueiredo.

- Este local possui uma dinâmica bem específica, que acaba girando em torno do esporte, na maioria das vezes. A pista em si é um ponto de encontro de diferentes faixas etárias, e padrões socioeconômicos.

- Os jovens que praticam o esporte se conhecem, em sua maioria, mas aparentam não virem todos da mesma parte da cidade, visto que a maioria chega sozinho e não em pequenos ou grandes grupos, como notamos no recorte 1. Não observei nenhum indício de conflito por qualquer motivo que seja, nos dias em que estive observando.

- O desafio para este local é observar os dias e horários mais relevantes para nossos propósitos, tendo em vista que o movimento acontece durante praticamente toda a semana, sobretudo, no fim da tarde, sendo os fins de semana as ocasiões em que a arquibancada da pista se torna de maneira mais intensa o ponto de encontro para os jovens.

- Pude observar a diferença nas formas de se vestir e de se comportar, pois os jovens de lá possuem um estilo mais alternativo, com referências ao skate e ao rock, entre outros.

- O consumo de drogas ilícitas na pista foi evidenciado algumas vezes, mas se resume a cigarros de maconha. Boa parte dos jovens fumam cigarros e bebem, tanto destilados quanto fermentados. Não observei nenhuma atividade de tráfico neste tempo em que estive por lá.

- Saindo da pista e partindo para o entorno, em direção à Avenida 11 de Maio, a parte mais superior do Parque do Povo possui uma espécie de “palco”, onde pude observar diversos grupos de jovens por ali, alguns com skate, outros com signos do universo do “rock”, e até alguns que aparentam ser moradores da periferia.

- Este trecho logo abaixo dos quiosques de nosso terceiro recorte é o que se mostra um pouco mais ameaçador, pois tem uma iluminação insuficiente, e alguns banheiros

públicos em estado deplorável, que já evidenciei alguns possíveis casos de uso/tráfego de drogas.

- A parte de baixo, onde existe uma ciclovia e um barranco que percorre um caminho paralelo a Avenida 14 de Setembro é bem movimentada, sobretudo, aos domingos.

- Nesta porção há dois *playgrounds* e, aos fins de semana, são instaladas camas elásticas, parques infantis de ar, que atraem um movimento de famílias com crianças durante um período que se estende do final da tarde até por volta das 21 horas.

RECORTE NÚMERO 3 (quiosques de alimentação)

- Não há muito a dizer sobre este recorte em particular, pois o movimento é constante, em todos os dias da semana, mas a presença de jovens é um pouco apagada pela presença maciça de famílias e pessoas de uma faixa etária mais elevada. Também notei que é comum observar grandes grupos de jovens com características religiosas, com vestimentas que são comuns em igrejas evangélicas. Fica a dúvida sobre a relevância desta localidade para com nossas propostas.

Desta forma, foi a partir desta etapa inicial que consolidamos o cronograma de trabalhos de campo para os próximos meses da pesquisa, entre janeiro a junho de 2014, agora já com foco nas sextas e sábados, visto que estes foram os dias que apresentaram uma maior dinâmica em nossa área de interesse. Em relação aos horários, iniciávamos em torno das 19 horas, horário em que alguns grupos começam a aparecer no Parque do Povo, e encerrávamos as atividades após as 23 horas, horário em que os últimos ônibus circulares passam pela cidade, e que é o meio de transporte mais utilizado pelos jovens que frequentam esta localidade. Veremos detalhes sobre estes fluxos e concentrações de jovens mais adiante no relatório, no capítulo destinado aos relatos de campo e apresentações de resultados da pesquisa.

Para construirmos a metodologia específica para as enquetes e entrevistas, pautamo-nos no guia metodológico elaborado por Boni e Quaresma (2005). No texto, as autoras ressaltam os diversos tipos de entrevistas que podem ser realizadas em pesquisas de cunho qualitativo, cada uma servindo para o que se espera alcançar em determinados processos de pesquisa em Ciências Sociais. As formas de entrevista colocadas pelas autoras são: entrevista estruturada semi estruturada, aberta, entrevista com grupos focais, história de vida e também a entrevista projetiva (BONI; QUARESMA, 2005).

Especificamente para o nosso caso, observamos que os tipos de entrevista que se mostraram mais funcionais são as entrevistas estruturadas, semi-estruturadas e

abertas. A entrevista estruturada pode ser compreendida como um questionário simples, que em nosso caso, trataremos como enquete, já que um questionário tem como preceito básico um cálculo amostral mais preciso, e que seria impossível de realizar ao longo do desenvolvimento do projeto. Mas tal como um questionário, apresenta-se a partir de um conjunto de perguntas objetivas, que serviram para termos um perfil geral das mais diversas características de cada jovem que se propuseram a responder-nos, entre elas: nível socioeconômico, relação com o local frequentado, sentimento de pertencimento a algum grupo específico, relação observada entre o Prudenshopping e o Parque do Povo, entre diversas outras.¹

A estrutura da enquete foi construída em reuniões com o orientador, tendo sido realizada a aplicação de um questionário piloto na segunda semana de junho, visando identificar possíveis problemas que possam ter fugido aos nossos olhos e dar uma última formatação à mesma. Em reunião também definimos a quantidade de enquetes que deveríamos aplicar, a partir da quantidade estimada de jovens que frequentam o local. Pautamos a quantidade de enquetes a serem aplicadas em 60, pois assim deveríamos conseguir um resultado que se aproxime da realidade do local e dos jovens que ali estabelecem suas relações.

As aplicações de fato ocorreram em na segunda quinzena de junho, tendo sido necessária uma última data realizada em agosto para finalização do montante necessário para a amostragem. Para a aplicação, tivemos o apoio de colegas do grupo de pesquisa, em um grupo que variou entre 4 a 5 pessoas, e tendo em vista o nosso baixo contingente, optamos por realizar as abordagens individualmente, junto aos grupos de jovens e sempre tomando o cuidado de não inquirir mais de duas pessoas de cada grupo, evitando respostas repetidas e assim almejando resultados mais confiáveis para esta etapa. Os resultados que obtivemos nestas enquetes serão explorados mais a fundo no decorrer do trabalho.

Outro ponto fundamental para a realização de nosso trabalho recai na realização de entrevistas, tanto com donos de estabelecimentos dos arredores, que pudessem nos fornecer informações importantes sobre o histórico de transformações que aquela parte da cidade sofreu ao longo do tempo, bem como junto aos jovens que são o nosso objeto de estudo nesta pesquisa, visando um maior detalhamento nas informações que eles pudessem nos fornecer através de perguntas que não caberiam em uma enquete simples, ou conversa informal.

¹ Para um maior detalhamento do conteúdo das enquetes aplicadas, estas se encontram no anexo deste trabalho para consulta.

Para a entrevista com os proprietários preparamos um roteiro de entrevista semi-estruturada, com perguntas mais abertas, dando a liberdade ao entrevistado para adicionar pontos relevantes ao decorrer do procedimento.

Segundo Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semi-estruturadas e abertas têm sua relevância no sentido de que estas dão uma maior liberdade para o indivíduo entrevistado, para explorar mais profundamente o tema, possibilitando um maior detalhamento das questões, de acordo com as possibilidades oferecidas pelo entrevistador. Estes tipos de entrevista também exigem certo grau de experiência e concentração por parte do entrevistador, pois, deve-se tomar o cuidado para que não se perca o foco das questões em possíveis devaneios, que as questões abertas podem gerar. Portanto, o pesquisador deve estar sempre atento a manter o diálogo na linha em que se pretende aprofundar os resultados de seu trabalho.

As autoras compreendem ainda que estes dois tipos de entrevista são importantes justamente por estabelecer uma maior conexão entre o pesquisador e o entrevistado, nos dando resultados mais espontâneos e completos do que através de enquetes completamente estruturadas.

Desta forma, tendo em vista que o único estabelecimento que possui um contato direto e intenso com o movimento que acontece na porção norte do Parque do Povo aos fins de semana é o “Batt’s Burguer”, uma lanchonete que se encontra dentro de nossa área de interesse, acabamos dando prioridade a entrevistar somente ele, já que os outros comerciantes do entorno têm outros públicos e outras demandas, não vivendo e convivendo diretamente com as dinâmicas do lazer empreendidas pelos jovens de periferia.

Ao longo dos trabalhos de campo, mantivemos o contato com o senhor Jorge Batista da Silva, mais conhecido como Batista por sua clientela, e conseguimos marcar uma entrevista com ele que foi realizada na primeira semana de outubro. A entrevista com o Batista, apesar de ter tido uma duração mais curta do que o previsto (aproximadamente 20-25 minutos), foi muito reveladora para obtermos uma compreensão das transformações de públicos e físicas que o Parque sofreu ao longo destes mais de 20 anos no qual ele possui aquela lanchonete.

Outra intenção que tínhamos para a pesquisa seria a realização de entrevistas com os jovens frequentadores do local, visando explorar questões mais detalhadas e complexas que não podem ser conseguidas a partir das enquetes, que já havíamos aplicado junto a eles.

Porém, infelizmente, esta atividade acabou sendo uma lacuna deste trabalho, já que, apesar dos nossos esforços em obtermos os contatos no momento da aplicação das enquetes, onde coletamos nomes e telefones de jovens que se mostrassem

interessados e dispostos a participar de uma entrevista em grupo, onde através dela procuraríamos estimular o debate entre eles sobre questões mais abrangentes, os contatos acabaram não sendo correspondidos, e tornou impossível o agendamento da supracitada entrevista. Contudo, mesmo após as tentativas frustradas de entrevistá-los, em reunião conjunta, decidimos fazer as entrevistas no próprio Parque do Povo, sem nenhum agendamento prévio com nenhum grupo específico. Na ocasião, conseguimos obter três entrevistas, com um roteiro que misturava perguntas fechadas e abertas, e na medida do possível estimulando o debate entre os membros do grupo entrevistado. A tentativa se mostrou frustrante, e na ocasião pudemos concluir o que já pensávamos: que o momento do lazer é um momento em que a descontração e a irreverência estão tão afloradas, que é quase impossível estabelecer um diálogo mais aprofundado, ou até mesmo conseguir fazer alguma indagação mais complexa.

Apesar dessa dificuldade, algumas partes das entrevistas são interessantes e revelam aspectos chave que norteiam algumas de nossas discussões e impressões sobre o movimento que ali acontece aos finais de semana. Como a entrevista que fizemos com um grupo de meninas, que revelou as imposições que os pais fazem para que elas não frequentem o Parque do Povo, e se limitem a ficar no Prudenshopping, entre outros trechos que levantaremos ao longo do texto.

4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS FREQUENTADORES DO PARQUE DO POVO

Neste ponto, para realizarmos esta caracterização dos jovens frequentadores do nosso recorte espacial, utilizamos primordialmente o resultado das enquetes, que serviram como base para reafirmar algumas premissas iniciais que tínhamos, bem como nos revelar aspectos que nos fugiram aos olhos em nossas observações de campo.

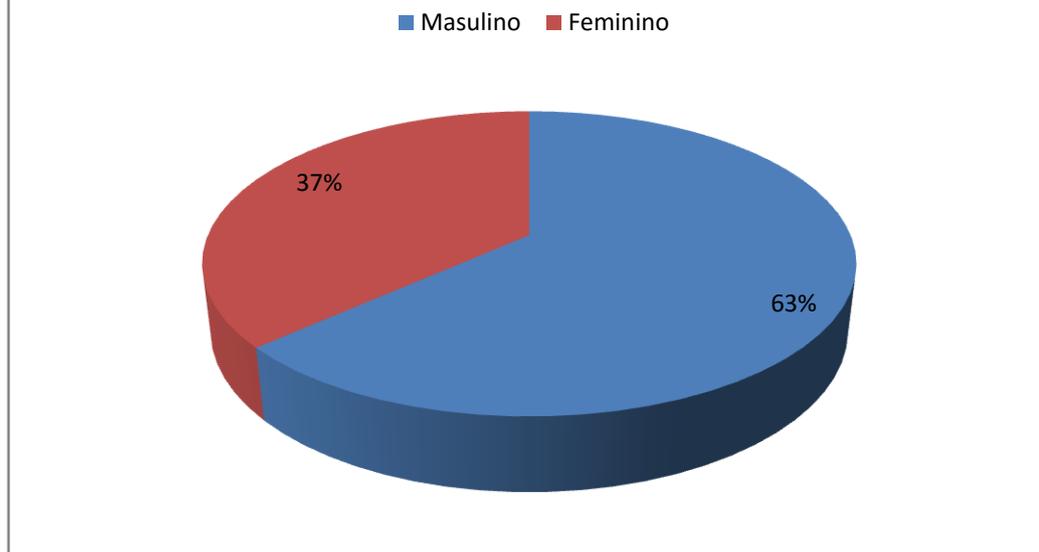
As enquetes, como dito anteriormente, foram realizadas em dois finais de semana, no mês de junho de 2014, e ainda tivemos uma última aplicação em agosto do mesmo ano, para concluirmos a quantidade de 60 questionários prevista inicialmente, o que nos daria um panorama da diversidade (homogeneidade) dos jovens e das jovens das periferias, que frequentam o Parque do Povo – visto que 60 questionários cobrem entre 10% a 20% destes frequentadores, segundo nossas estimativas.

No processo de aplicação, tivemos o cuidado de aplicarmos as enquetes da maneira mais dispersa possível, não privilegiando grupos, gênero ou faixas etárias. Em casos de abordagens feitas em grupos numerosos, tomamos o cuidado para que nunca excedesse a quantidade de dois respondentes, evitando a repetição de respostas e dando mais credibilidade e representatividade aos resultados finais.

Ao longo da exposição, buscaremos a comparação de nossos resultados com os obtidos pela pesquisadora Nathália Santos Brustelo, em sua pesquisa realizada previamente com foco no mesmo público, mas abordado a partir do Prudenshopping. Como ao longo de nossa pesquisa, tal como Brustelo (2014), passamos a enxergar o Parque do Povo e o referido *shopping center* como extensão de um mesmo movimento, uma “mancha de lazer” única para os jovens das periferias prudentinas aos fins de semana, encontramos resultados muito similares, quanto ao perfil do público.

Em relação ao sexo dos entrevistados (Gráfico 1), como de forma a confirmar o que observamos previamente nos trabalhos de campo, a presença masculina se mostra maior do que a feminina, em uma proporção que se aproxima de dois terços do total. Outro aspecto relevante vai de encontro a homogeneidade dos grupos, que se mostram em grande proporção constituídos de membros de um mesmo sexo, sendo poucos os casos de grupos mistos.

Grafico 1. Sexo dos Entrevistados



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Em relação aos resultados obtidos pela pesquisadora, no Prudenshopping os jovens apresentam uma proporção mais equilibrada, sendo 53% meninos e 47% meninas. Acreditamos que este fato vai de encontro ao ambiente do *shopping center* ter como característica ser um local com maior segurança e controle, e as meninas acabam sendo coagidas pelos pais, ou até mesmo por si próprias a não frequentarem o ambiente do Parque do Povo, onde a distância dos agentes reguladores permite aos jovens uma maior liberdade em suas ações, remetendo também a insegurança para algumas pessoas. Brustelo (2014) identificou em suas entrevistas, que muitos pais permitem às suas filhas irem com as amigas ao Prudenshopping, mas interdita que saiam deste em direção ao Parque do Povo. Numa entrevista que fizemos a um grupo de três meninas no Parque do Povo, percebemos que duas delas estavam ali sem o conhecimento dos pais.

E: E quais foram os primeiros lugares da cidade que vocês começaram a frequentar [sem a presença dos pais ou responsáveis]?

J1, J2, J3: O shopping (risos)

J1: Meu pai só deixa eu ir no shopping também... (risos)

E: Seus pais sabem que vocês estão aqui?

J1: Não

J2: Não.

J3: A minha mãe sabe.

J1: Algumas vezes, assim, quando vai ter algum evento, eu falo "Ô pai, eu vou la no Parque do Povo que vai ter tal coisa", aí ele deixa eu vir. Ele me traz e depois ele vem me buscar tal hora.

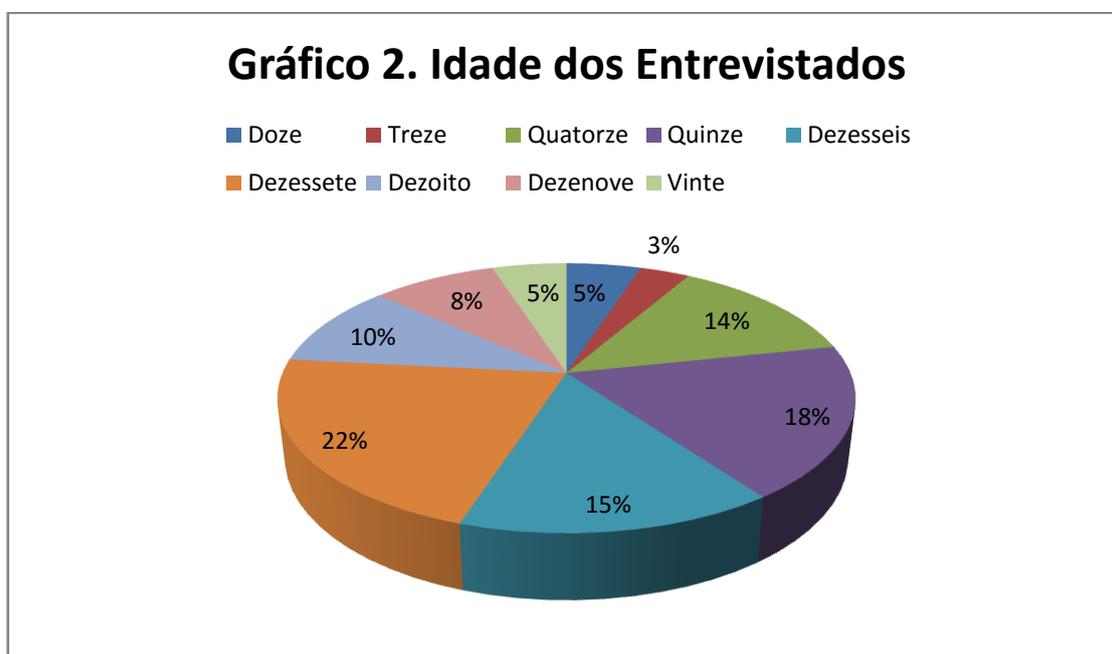
E: Tá... Bom, e antes, quando vocês começaram a sair, vocês só vinham pro shopping? Não vinham pro Parque do Povo?

J1: Só

J2: Só

J3: Só no shopping.

Podemos observar no Gráfico 2 que a maioria dos jovens frequentadores corresponde a uma faixa etária de 14 a 17 anos, (quase 70% dos jovens). Este resultado reafirma e solidifica as nossas premissas iniciais, de que o nosso público alvo se constitui, primordialmente, por menores de idade. Porém, não podemos ignorar que obtivemos uma quantia considerável de jovens maiores de idade, totalizando praticamente um quarto de nossos resultados.



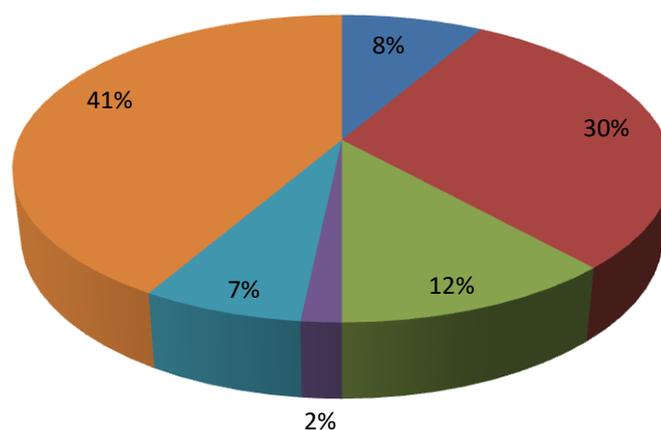
Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

A pesquisa de Brustelo (2014) nos trouxe dados bem similares aos nossos, só se diferenciando na questão dos jovens maiores de idade, que no Prudenshopping representam um percentual bem menor. Sendo assim, reafirmando o pressuposto dos públicos destas duas localidades serem similares, mas apontando que estar no Parque do Povo é uma escolha mais privilegiada entre os jovens e os mais velhos.

A questão da renda (Gráfico 3) representa um aspecto crucial para a presente pesquisa, tendo em vista que o nosso público alvo são os jovens das periferias pobres de Presidente Prudente, e o aspecto da renda diz muito sobre a condição de vida destes jovens.

Gráfico 3. Renda média mensal dos entrevistados

- Até um salário mínimo
- Dois a três salários mínimos
- Três a quatro salários mínimos
- Quatro a cinco salários mínimos
- Mais de cinco salários mínimos
- Não souberam informar



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Apesar do grande contingente que não soube, ou preferiu não informar a renda familiar, podemos observar que a maioria dos jovens entre as respostas válidas tem uma renda familiar média de dois a três salários mínimos. Porém, afirmamos que esta é a questão que mais nos deixou em desconfiança em relação as respostas, tendo em vista o seu teor altamente pessoal, e que pode ser fruto de constrangimentos para alguma parte destes jovens, sobretudo, quando declarada na frente do grupo de amigos.

Ainda relacionado a renda, em relação aos jovens que trabalham obtivemos os seguintes resultados, expressos no Gráfico 4, onde podemos observar que de um universo de 60 jovens entrevistados, nas mais variadas faixas etárias, praticamente metade destes exercem alguma atividade remunerada, mostrando para nós como essa questão de assumir as responsabilidades mais cedo parece ser uma característica dos jovens das camadas de mais baixa renda, como já vimos na literatura associada ao tema das juventudes na periferia (DAYRELL, 2005). Ter seu próprio dinheiro é, inclusive, uma forma de poder investir nos tempos e espaços de diversão com os amigos, visto que a família nem sempre tem condições de arcar com este tipo de consumo dos jovens.

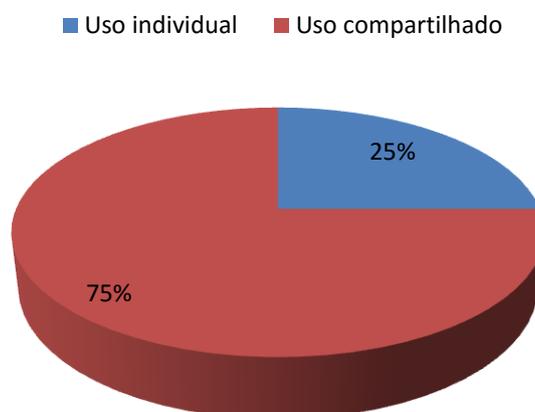
Gráfico 4. Percentual de jovens que trabalham



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Ainda, em relação ao salário destes jovens que trabalham, obtivemos um resultado interessante sobre a destinação desta renda, como segue no Gráfico 5.

Gráfico 5. Destino do salário

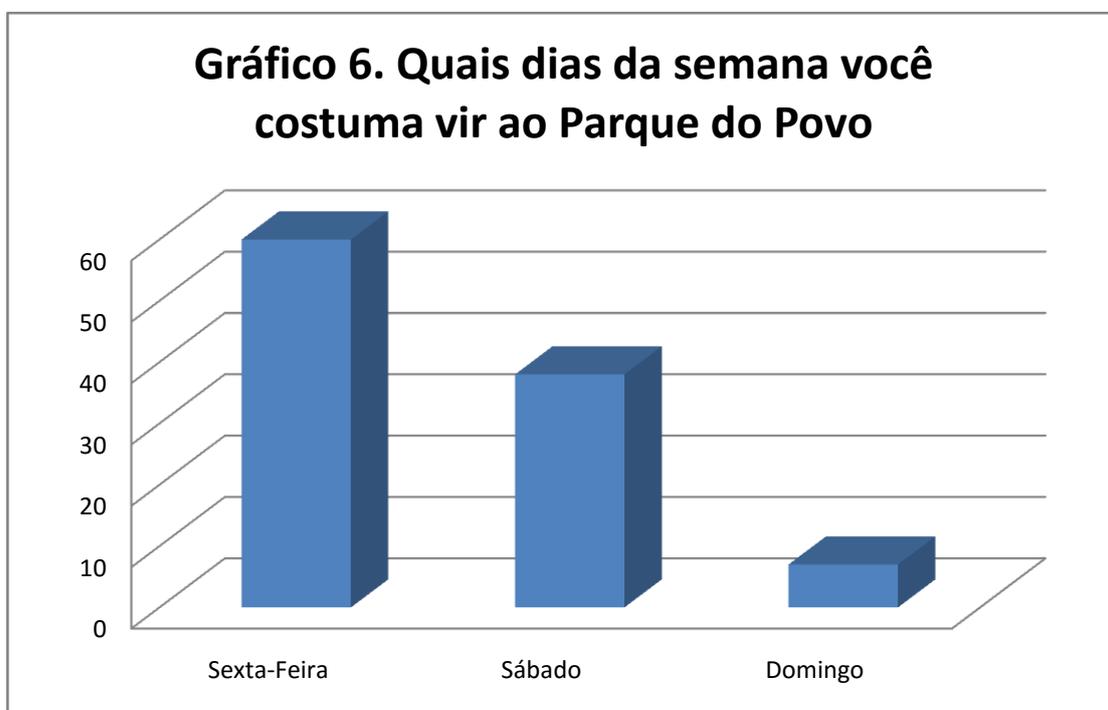


Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Nele podemos observar que, dentro de um universo de cerca de 28 jovens que nos responderam que trabalham, três quartos destes compartilham seu salário com a família, seja pagando contas, aluguel, comprando mantimentos, etc. Isso reforça para nós este caráter de como os jovens pobres precisam assumir algumas responsabilidades mais cedo do que os jovens de classes mais abastadas, mas ao mesmo tempo, buscam em seu tempo livre (mais reduzido) vivenciar a sua juventude da forma como é possível, como pudemos ver *in loco* em nossas incursões de campo. Ou seja, para grande parte dos jovens que trabalham, o emprego é uma necessidade

que se impõe, não apenas para poderem investir no encontro com amigos e assim viver uma juventude possível, mas também para assumir responsabilidades do mundo adulto. A experiência juvenil possível destes jovens tem na frequência ao Prudenshopping e ao Parque do Povo uma de suas dimensões mais importantes.

Voltando a discussão do lazer, no Gráfico 6, por ser uma questão em que o entrevistado possuía a liberdade para marcar mais de uma opção, optamos por realizar um gráfico de barras para mostrar os dias em que o nosso recorte espacial apresenta uma maior movimentação. Assim, neste gráfico podemos observar a clara preferência dos jovens pelas sextas-feiras, até mesmo em detrimento dos sábados, fato que, de certa forma, nos causou surpresa, mesmo porque, durante os trabalhos de campo, essa diferença somente foi se tornando sensível na medida em que fomos ficando mais familiarizados com a área de estudo.

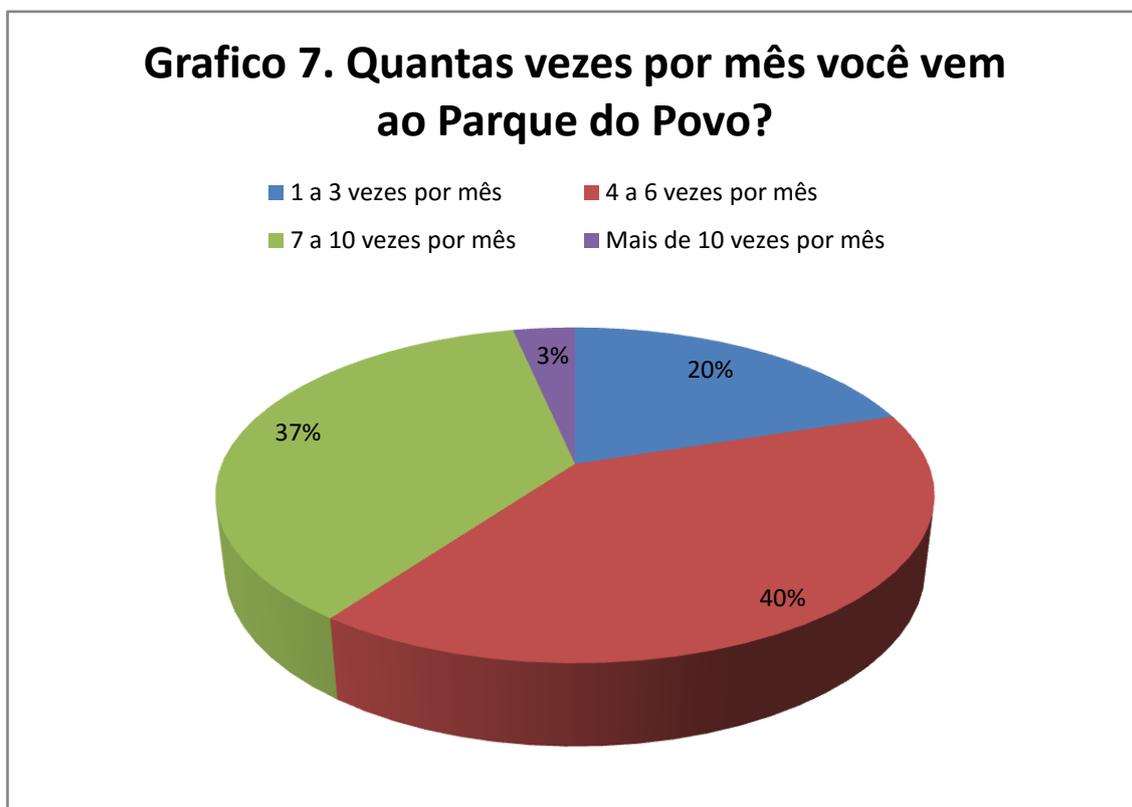


. Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Vale ainda ressaltar o pouco valor que os domingos possuem na frequência deste local em específico, tendo inclusive este dia sido excluído de nossas intenções, já nos trabalhos de campo preliminares.

A pesquisa de Brustelo (2014) nos apresenta dados muito similares, mostrando que a sexta-feira corresponde ao dia mais frequentado pelos jovens entrevistados por ela, e assim reafirmando mais uma vez a nossa hipótese destes dois espaços se constituírem numa mancha de lazer única.

Em relação ao número de dias por mês em que os jovens se deslocam ao Parque do Povo, podemos observar no Gráfico 7 que a maioria absoluta gira em torno das 4 a 6 vezes, e 7 a 10, mostrando para nós a assiduidade destes jovens em comparecer ao local aos fins de semana, que correspondem a sexta e ao sábado, mostrando o uso frequente que eles fazem deste espaço.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Em relação às respostas obtidas em pergunta similar na pesquisa de Brustelo (2014), pudemos verificar que a frequência dos jovens é menor, girando em torno de 3 a 5 vezes por mês.

É válido ressaltar que observamos diferenças na intensidade da presença dos jovens ao longo do mês. Ficou nítido para nós ao longo dos meses em que estivemos realizando os trabalhos de campo que os fins de semana que coincidiam com o início do mês eram os de maior movimento, conforme podemos ver nos trechos do diário de campo que segue

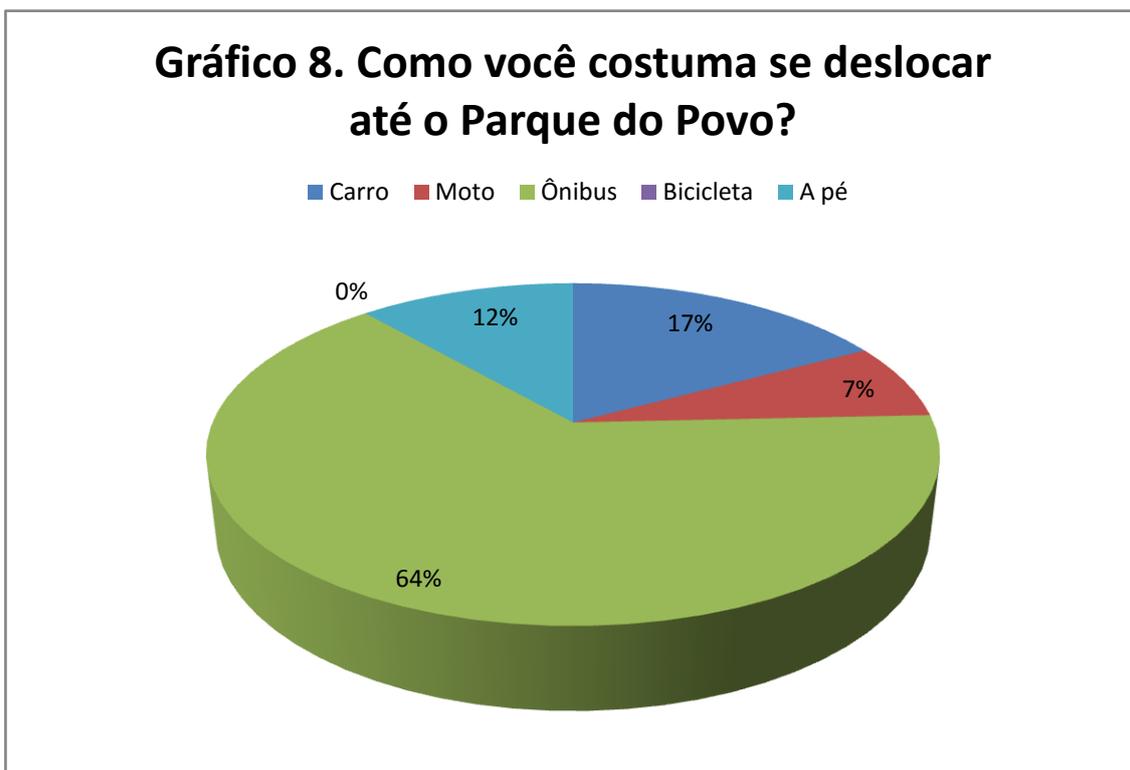
4 de abril de 2014, sexta-feira - 21:45

Neste momento começo a notar que o movimento atingiu o seu ápice, são muitos grupos concentrados no espaço próximo a Manoel Goulart, além de vários grupos concentrados nos bancos que vão pelo caminho que segue até a “casa do Papai

Noel”. Literalmente faltam bancos pra galera que se concentra por aqui, até eu estou tendo que circular mais que o normal.

Acreditamos que o fator “começo do mês” seja influenciado diretamente pelo dia do pagamento, tanto dos jovens que trabalham, quanto dos pais dos jovens que não exercem nenhuma atividade remunerada. Como o pagamento geralmente é realizado no quinto dia útil, encontramos esse padrão de dias mais movimentados no início dos meses.

O meio de transporte mais utilizado, representado no Gráfico 8, diz tanto sobre a condição de jovens menores de idade (em sua maioria), quanto sobre sua condição econômica. Observamos que quase dois terços dos jovens dependem do transporte coletivo para se deslocar até a mancha de lazer, enquanto pouco mais de um quarto se descolam por meios de transporte particulares. Apenas 12% realizam o trajeto a pé, e seguindo a correlação da tabulação dos dados, estes eram os que habitavam as regiões mais próximas do Parque do Povo, não caracterizando um deslocamento muito extenso.



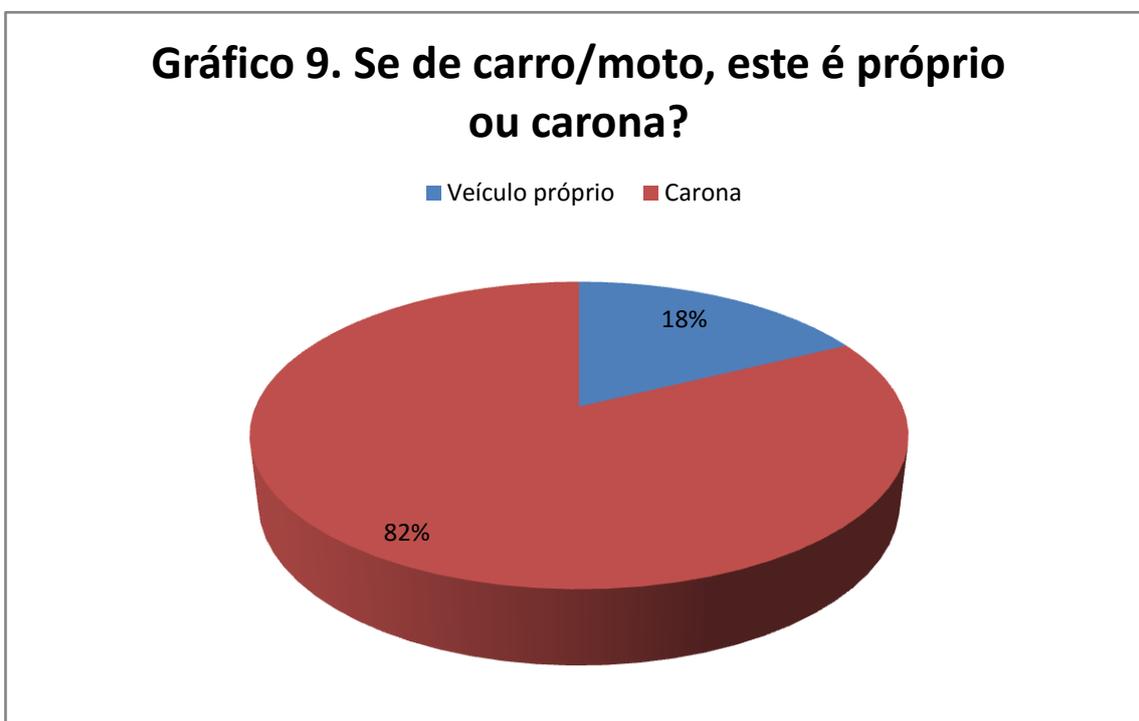
Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Podemos também verificar que, apesar de vermos alguns jovens transitando com bicicletas pelo local, nenhum jovem assinalou a questão nas enquetes, contrapondo as nossas expectativas iniciais.

Cruzando estes dados com os levantados na pesquisa de Brustelo (2014), podemos observar uma forte correlação na dependência dos jovens em relação ao transporte coletivo, correspondendo a quase metade de seus respondentes. Porém, uma maior distinção pôde ser observada em relação ao transporte de carro, que representa pouco mais de 50% dos resultados adquiridos pela pesquisadora. Isso possivelmente está nos mostrando uma maior preocupação da família destes jovens, em relação aos deslocamentos deles pelo lazer noturno, pois 23% deles realizam essa “carona” no carro dos próprios pais, ou no carro de pais de amigos. Também tem relação com o público mais jovem que frequenta o *shopping center*, em relação àquele identificado no Parque.

No decorrer do trabalho, exploraremos mais a fundo a relevância que o transporte público tem para com o movimento realizado pelos jovens em nossa área de interesse, principalmente no sentido da correlação entre o horário em que os últimos ônibus circulam (em torno das 23:30) e o momento de dispersão da mancha.

Ainda nesta questão, considerando apenas os jovens que se deslocam ao Parque do Povo de carro ou moto, questionando se este era próprio, ou se era por carona, observamos as seguintes respostas:



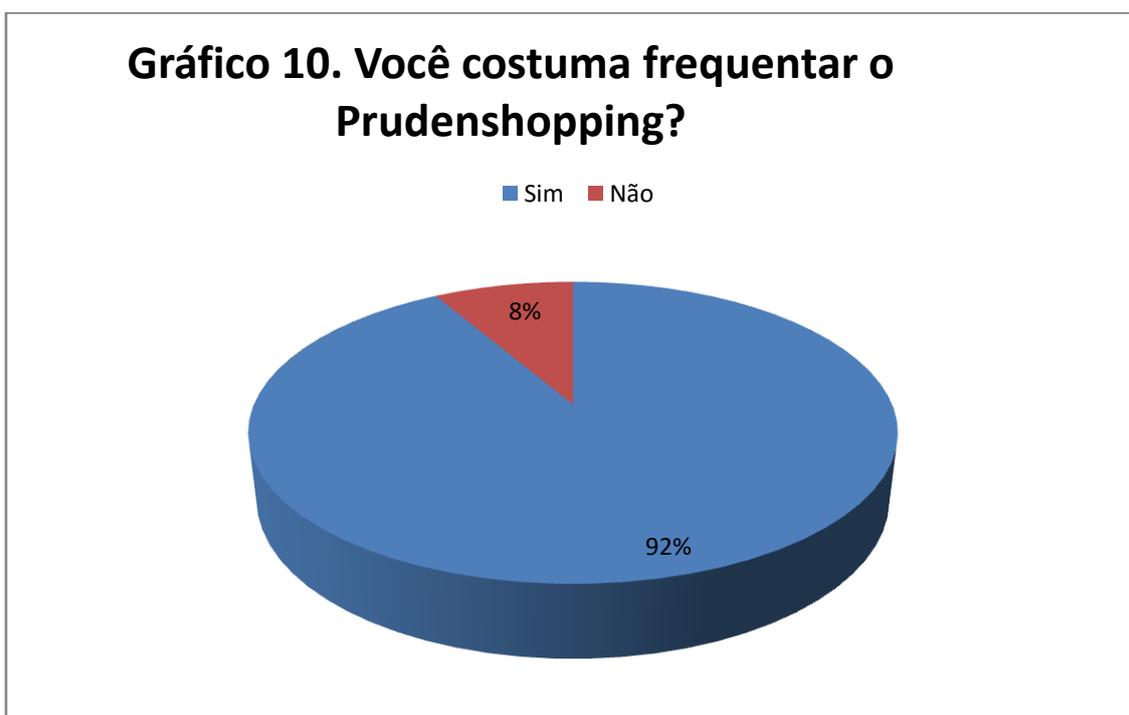
Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Ou seja, a maioria destes jovens se desloca em veículos particulares, porém não é necessariamente proprietária dos mesmos, o que nos revela que, embora

tenhamos inquirido um contingente considerável de jovens maiores de idade, boa parte destes não possui o veículo.

Posteriormente, nas análises que realizaremos nos próximos capítulos (principalmente relacionada aos fluxos e as territorialidades) iremos explorar mais a fundo outros aspectos dos deslocamentos, principalmente em relação ao que observamos sobre o horário de chegada e dispersão dos jovens que frequentam a localidade.

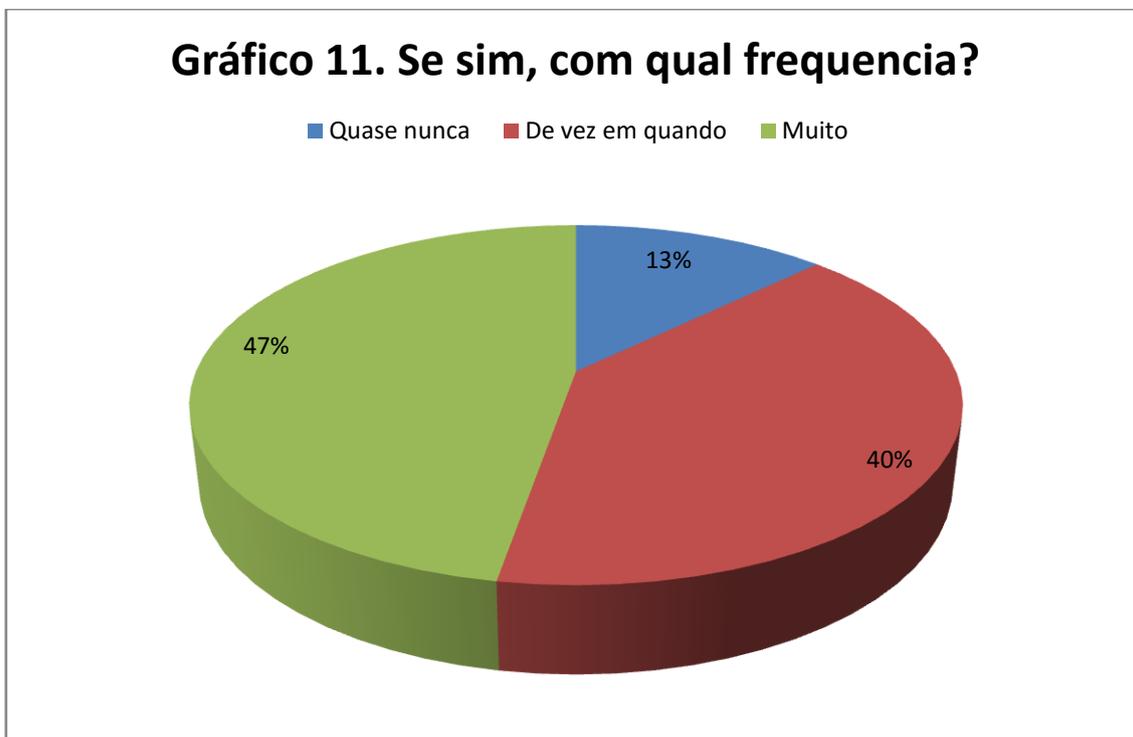
Na enquete também perguntamos aos jovens se também costumam frequentar o Prudenshopping aos finais de semana, quando estão ali no Parque. No Gráfico 10, os resultados confirmam que de fato há uma íntima relação entre o Parque do Povo e o Prudenshopping, formando parte de um mesmo movimento aos finais de semana, pois verificamos que mais de 90% dos entrevistados realizam este trajeto, conectando os dois espaços (público e privado), muitos deles até mais de uma vez na mesma noite. Ou seja, na visão dos jovens, esta “fronteira” entre os espaços é simplesmente ignorada, pois estes trajetos entre as localidades são parte inerente do lazer que ali é empreendido nas noites dos fins de semana.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Já em relação a frequência com que acessam o Prudenshopping, a partir do Parque do Povo, ou vice versa, podemos confirmar novamente nossas observações de campo, onde relatamos um intenso deslocamento entre os espaços. O gráfico a seguir nos revela - tendo em vista que as três opções se remetem apenas aos jovens

que declararam que frequentam também o Prudenshopping - podemos observar que a maioria deles (47%) realiza o trajeto com uma considerável assiduidade, enquanto uma grande quantidade de jovens (40%) diz aparecer pelo shopping apenas “de vez em quando”.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Em nosso diário de campo registramos em vários momentos as particularidades desse trânsito, como podemos observar abaixo:

24 de janeiro de 2014, sexta-feira - 20:00

Acabo de notar que um grupo de 7 rapazes, aparentando ter não mais que 16 anos, que chegaram há pouco tempo aqui no parque vindos do shopping já estão retornando ao mesmo. Apenas pararam no Batista para comprar cigarros, dois deles compraram latas de cerveja, sentaram no banco que fica exatamente atrás da lanchonete e menos de cinco minutos depois já retornaram ao shopping. O movimento ainda está escasso por aqui.

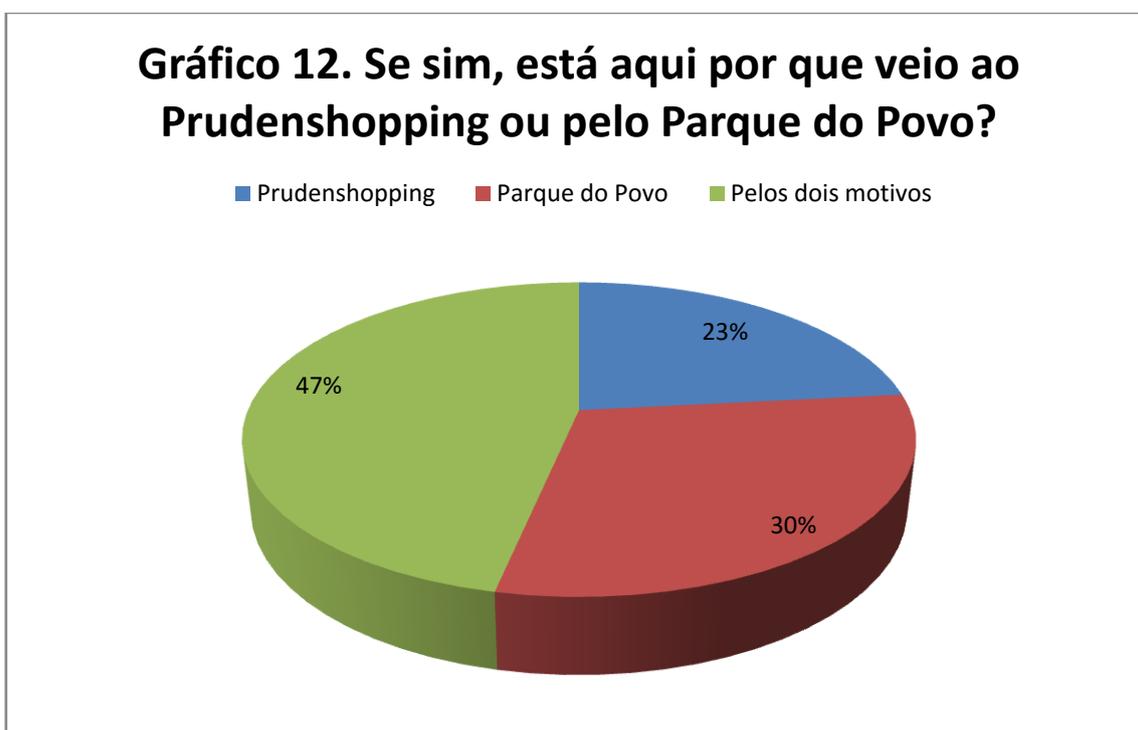
01 de março de 2014, sábado - 22:00

Agora, aproximadamente as 21:50 e 22:00 notei um grande deslocamento de vários grupos vindos do shopping, é a primeira vez que testemunho um deslocamento tão massivo, aumentando consideravelmente o movimento pelo Parque. Me pergunto se aconteceu algo no shopping que tenha ocasionado isso. Embora um ou outro grupo

tenha continuado o caminho pela 14 de Setembro, noto que a maioria acaba parando no Parque mesmo.

Estas duas passagens demonstram um pouco da dinâmica dos trânsitos em relação ao horário, aspecto que exploraremos com maior profundidade na próxima etapa de nossa análise, mas já deixa aberta a visão de que a direção dos fluxos é interligada diretamente aos horários, visto que mais cedo se observa um movimento escasso no parque, e um fluxo que se direciona mais ao *Prudenshopping*, enquanto ao decorrer da noite os fluxos se invertem e passam a serem mais concentrados na região do Parque do Povo.

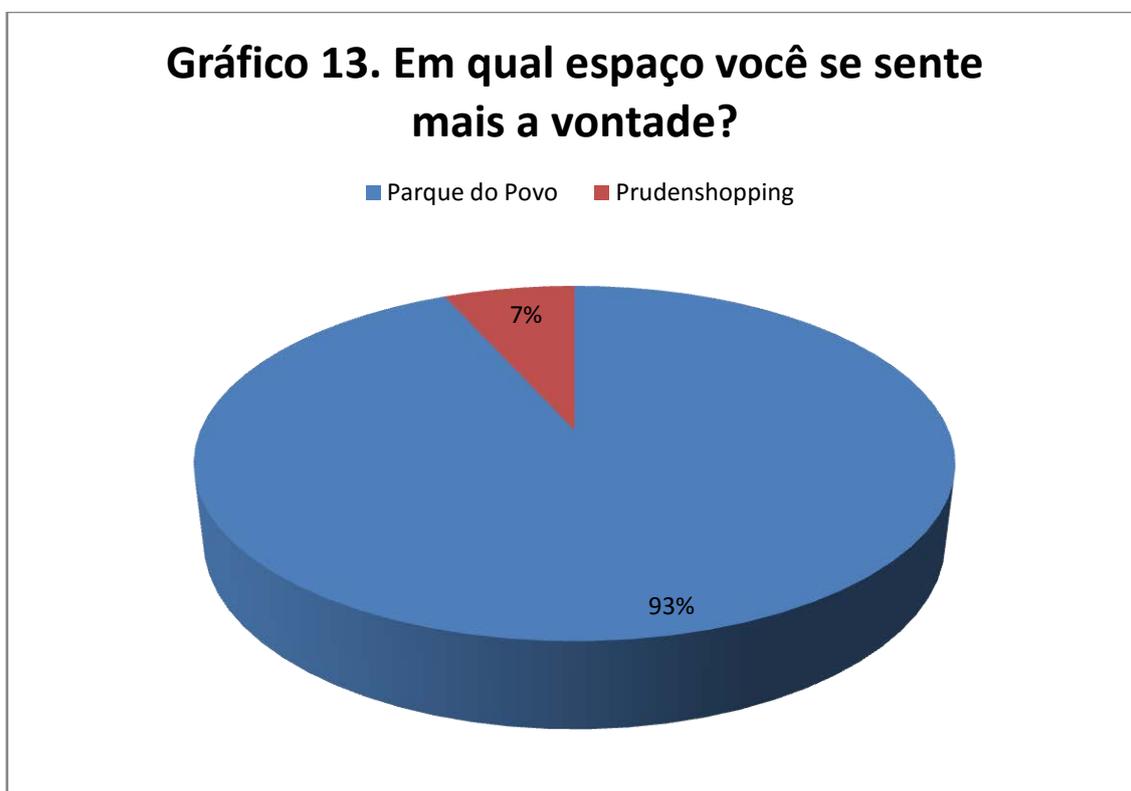
Ainda em relação as respostas obtidas no gráfico 10, posteriormente, no gráfico 12 nossa intenção foi extrair dos participantes das enquetes qual o principal atrativo que motiva seu deslocamento semanal até esta parte da cidade. Entre os resultados que obtivemos podemos observar que, praticamente a metade deles afirmaram que frequentam a localidade “pelos dois motivos”, reforçando mais ainda a premissa que fomos construindo que relaciona o Parque do Povo e o *Prudenshopping* como uma “mancha de lazer” única. Ainda, quando os jovens selecionaram a motivação por uma localidade única, observamos que 23% colocam o *Prudenshopping* enquanto principal atrativo, enquanto 30% colocam o Parque do Povo nesta questão, mostrando um certo equilíbrio entre as respostas.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

No gráfico 13, ampliando um pouco esta questão relacionada a percepção dos jovens entre os dois espaços que constituem o nosso recorte territorial, observamos que uma premissa que tínhamos desde a construção do projeto desta pesquisa se confirma, tendo em vista que 93% dos jovens nos responderam que se sentem mais a vontade no Parque do Povo em detrimento do *Prudenshopping*, que obteve apenas 7% das respostas.

Para compreender esta questão, devemos levar em conta a liberdade que esses jovens possuem no Parque do Povo para fazer inúmeras coisas que são impossíveis dentro dos limites controlados do *Prudenshopping*, entre as quais podemos citar tanto o uso de drogas (lícitas e ilícitas), quanto até mesmo a liberdade de falar e agir sem um determinado conjunto de regras de conduta que imperam nas dependências de estabelecimentos privados como *shopping centers*.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Desta maneira fica clara a intencionalidade que estes estabelecimentos possuem em impor uma cidadania seletiva dentro de suas dependências, impondo com rigor através de seus agentes de segurança uma higiênica ordenação urbana, excluindo e segregando o que estes agentes compreendem enquanto cidadãos indesejáveis (CARRANO, 2002).

Observamos ao longo do trabalho produzido por Brustelo (2014) que, em diversos momentos, a autora observa estas restrições realizadas por parte da

administração do estabelecimento, das quais destacamos a proibição de “aglomerações” dentro do espaço físico do *shopping center* em questão, visto que os seguranças são orientados a manter os jovens sempre em movimento, evitando que se reúnam em grandes grupos.

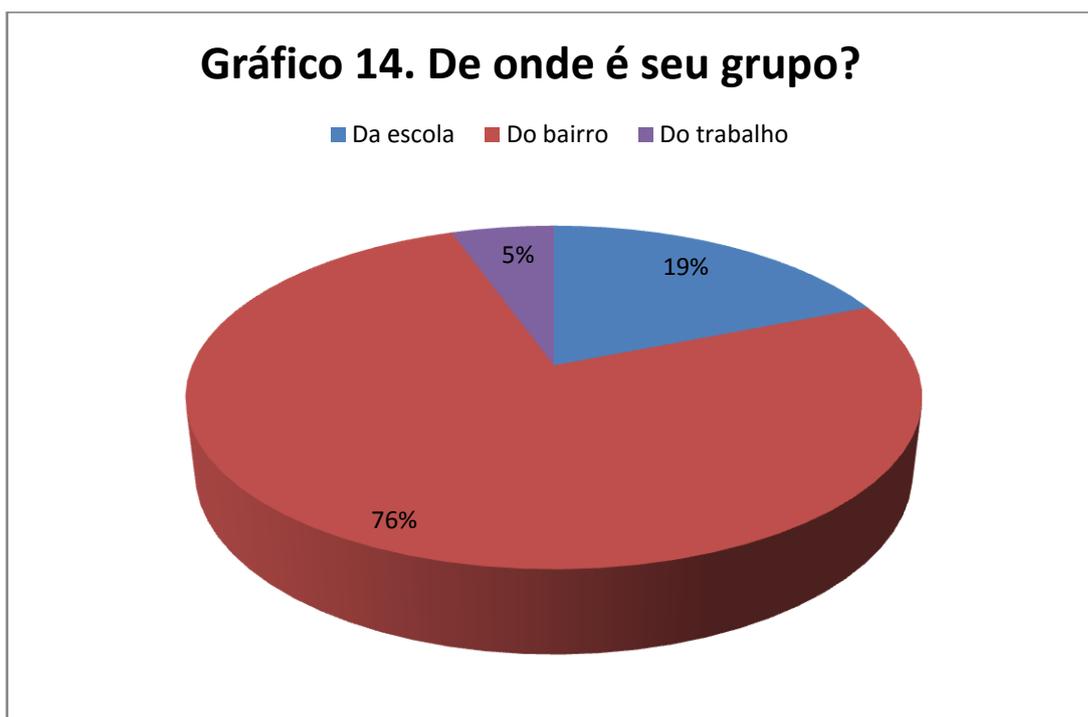
Ainda sobre este aspecto específico do excessivo controle dos jovens dentro das dependências do *Prudenshopping*, ao questionarmos os jovens sobre qual seria o espaço em que se sentiriam mais a vontade, deixamos um pequeno espaço para que eles respondessem o por que de terem escolhido um espaço em detrimento do outro. Entre as respostas mais frequentes que obtivemos pelos jovens que disseram preferir o Parque do Povo, observamos que o motivo que mais se repetiu foi relacionado a liberdade que eles possuem no espaço público, e alguns teceram críticas mais diretas as ações dos seguranças do *Prudenshopping*, como vemos o respondente número 21, jovem de 18 anos, que afirma que no local os seguranças ficam seguindo, “marcando”. Ou até mesmo apresentando uma face mais truculenta de suas ações, como pontuado pelo respondente número 23, garoto de apenas 12 anos, que afirmou que se sente intimidado pela segurança do local e que inclusive já sofreu agressões por parte deles.

Em contrapartida, a minoria dos jovens que colocaram o *Prudenshopping* como o local onde tem maior tranquilidade para ficar, colocam como motivo principal a maior segurança que sentem nesse local, mostrando que o “excesso de liberdade” existente no Parque do Povo também é um fator que desperta o incômodo para alguns, um dos respondentes afirmou que o uso de drogas que acontece no local o deixa desconfortável.

Um outro aspecto que buscamos explorar nas aplicação das enquetes se relaciona a buscar as motivações que os jovens tem para frequentar aquele espaço, ou seja, o que eles buscam no momento de lazer vivenciado por eles nos fins de semana no espaço do Parque do Povo, bem como a motivação que os jovens que também frequentam o *Prudenshopping* enxergam para irem a este outro espaço, que juntos acabam construindo um único ponto de lazer, com suas fronteiras muitas vezes ignoradas pelos jovens frequentadores. Nossa intenção ao explorar este aspecto é de tentar vislumbrar se existe alguma diferença entre as intencionalidades entre os dois espaços.

Em relação ao Parque do Povo, quando perguntados pelo principal motivo que os fazem realizar o deslocamento semanal até esta localidade da cidade - muitas vezes longe de seus bairros de origem - as respostas sempre ficaram pautadas no “dar rolê”, mostrando a nós que não existe um atrativo específico, um objetivo concreto, mas sim a vontade de participar deste movimento, de vivenciar sua juventude junto com seus semelhantes. Também observamos que uma grande parcela

das respostas que obtivemos se pauta em “estar com os amigos”, mas nesse sentido, como podemos observar no gráfico 14, a grande parte dos jovens vem para o Parque do Povo em grupos que são formados em seus bairros de origem, não justificando o deslocamento para simplesmente estar com os amigos, mas se justifica em estar com o seu grupo, porém compartilhando este momento de lazer com outros grupos de jovens de outros cantos da cidade.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

A partir desse gráfico, observamos que a maior parte dos jovens forma seus grupos a partir dos bairros, representando 76% do total, ainda, 19% afirmam que os grupos são formados na escola. Porém, devemos nos atentar ao fato de que talvez não exista uma distinção visível entre o grupo ser formado no bairro ou na escola, tendo em vista que estas duas origens da formação do grupo pode ser um fator comum, já que muitas vezes a escola que frequentam se localiza no bairro em que habitam. Mas também devemos considerar que existem escolas nas áreas centrais que recebem estudantes de diferentes áreas da cidade, e nestes casos justificando a formação do grupo tendo a instituição escolar como fator central para a constituição dos laços entre os jovens de determinado grupo.

Voltando ao debate que iniciamos anteriormente, quando expusemos as motivações dos jovens participantes das enquetes ao frequentar o Parque do Povo, também realizamos um questionamento semelhante junto aos jovens, porém

direcionado a qual fator motivaria-os a frequentar o *Prudenshopping* com a intenção de compararmos os motivos e verificar - como já citado anteriormente - alguma distinção que eles observam entre os espaços a partir de suas intencionalidades em cada um destes.

Sendo assim, verificamos que as respostas se mostraram diversificadas e menos homogêneas quando comparamos com os atrativos que os jovens vêem no Parque do Povo, porém, entre as respostas mais frequentes dadas quando questionamos qual é o atrativo que eles enxergam no *Prudenshopping* são relacionadas principalmente aos tipos de consumo que podem ser realizados em suas dependências, sendo comuns respostas do tipo “tomar sorvete”, ou “cinema” e “lojas”.

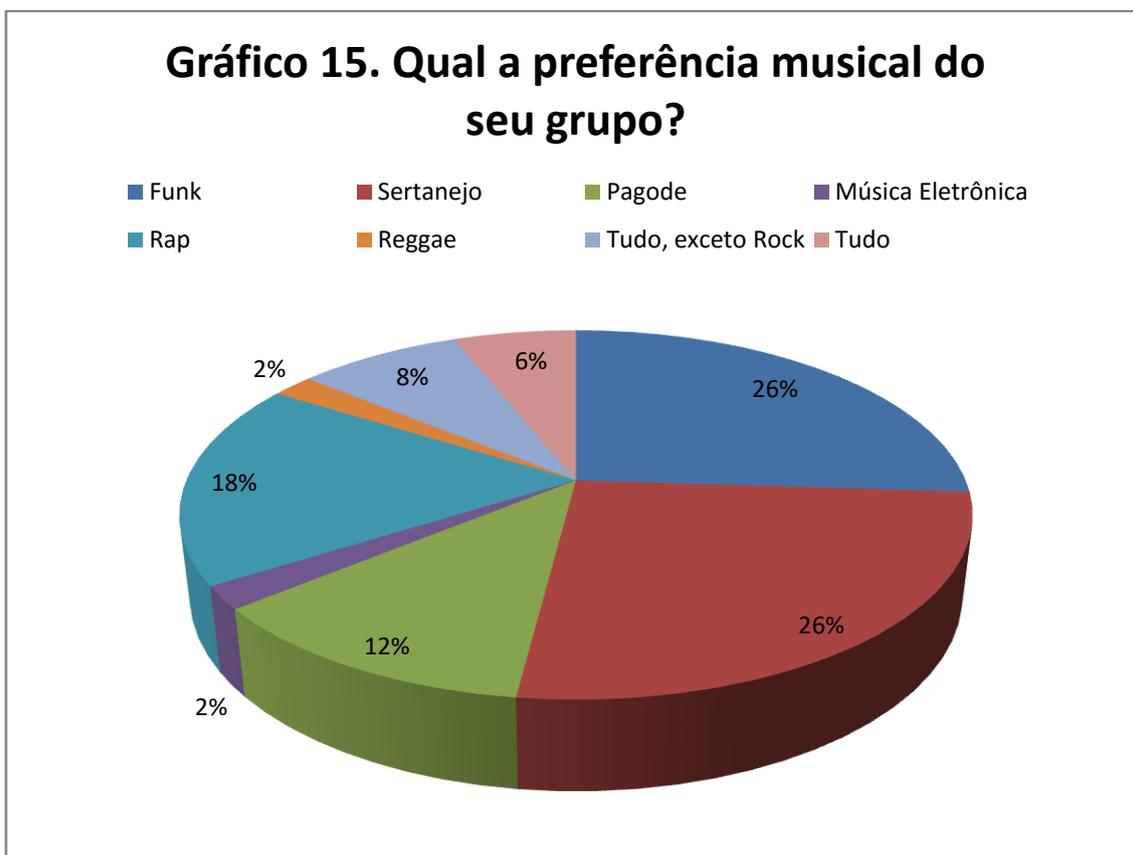
Porém, as motivações observadas pelos jovens não se resumem a encarar este *shopping center* apenas enquanto equipamento de consumo, pois uma grande parte das respostas foi relacionada a “paquera”. Acreditamos que esse fator “paquera” se mostre mais presente tanto pela proporção entre o público de meninos e meninas ser mais desigual no Parque do Povo do que no *Prudenshopping* - tendo em vista que a maior parte dos que colocaram este fator como motivação são meninos - mas acredito também que eles encontram pessoas no *shopping* que não costumam frequentar o Parque do Povo, atraindo-os a frequentar este espaço com este intuito.

Mas em linhas gerais, o que conseguimos desvendar a partir desta resposta foi uma dificuldade por parte deles de realizar uma distinção sólida entre o movimento das duas localidades. As diferenças que eles enxergam são muito efêmeras, já que observamos em muitos casos respostas como “rolê”, “sair com os amigos” ou “lazer”, servindo para reforçar ainda mais a nossa percepção destes dois locais trabalhando em uníssono, servindo a uma intencionalidade comum que se resume a “dar um rolê”.

Por fim, pensamos que para finalizar esta breve descrição, tanto dos jovens frequentadores e suas características gerais, quanto das dinâmicas do lazer ali empreendidas, é importante compreendermos qual a preferência musical dos jovens que entrevistamos. Acreditamos que a música é um referencial concreto para pensarmos a construção social dos indivíduos que estudamos ao longo deste projeto, tendo em vista que os diferentes gêneros musicais e os estilos que derivam dos mesmos são consumidos de diferentes formas, por diferentes classes sociais. A título de exemplo, o Rap e o Funk, referenciais importantes para jovens das camadas mais populares da sociedade, frente a MPB, gênero este geralmente consumido por um público adulto, e de classes sociais mais abastadas.

No gráfico 15, podemos observar a ampla gama de opções selecionadas pelos jovens para caracterizar o estilo musical que preferem, tendo em vista que a questão

era aberta, dando liberdade ao jovem entrevistado apontar quaisquer respostas que desejasse.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Desta forma, verificamos que mais da metade das respostas se relacionam diretamente com gêneros musicais reproduzidos geralmente pelas classes mais baixas da sociedade, representada pelo Funk (26%), Rap (18%) e o Pagode (12%), notadamente gêneros que nasceram e ainda ecoam pelas periferias. Atualmente, observamos que o Funk muitas vezes se sobrepõe ao Rap em importância para os jovens da periferia, e pudemos observar *in loco* estes desdobramentos, já que hoje a mídia explora intensivamente o estilo, em especial o “Funk ostentação”, subgênero este que tem nas letras de suas músicas diversas referências a estilos de vida extravagantes, pautados na exposição de bens de consumo de luxo. Mas podemos também citar a forte presença do que é conhecido popularmente como “Funk proibidão”, este caracterizado por uma linguagem mais chula, e que faz referências literais a atos sexuais e/ou crimes e contravenções.

Já esperávamos resultados desta natureza, tendo em vista que, desde o início dos trabalhos de campo, verificamos um padrão de vestimenta característico do Funk (meias na canela, camisas pólo, bermudas, tênis nike/adidas), além de em diversos

momentos termos escutado em seus celulares e aparelhos de som portáteis músicas deste estilo, conforme transcrito de nosso diário de campo

4 de janeiro de 2014, sábado - 22:00

Enquanto caminho pelo parque voltando da pista de skate, já chegando na lanchonete do Batista, me dou conta de como os jovens têm um padrão de vestimenta, que acredito ser oriunda dos funkeiros dessa nova geração. A maioria deles usa a seguinte combinação: camisas polo abotoadas até o pescoço, bermudas jeans, tenis esportivos, principalmente nike e adidas. Alguns até apelam pra irreverência e usam meias mais altas, até o meio da canela. Não é uma regra, mas é um padrão interessante a se observar. Nota mental: verificar se os padrões se encaixam com o que é usado pelos músicos do funk.

8 de fevereiro de 2014, sábado - 23:00

O movimento continua intenso, embora alguns grupos já estejam indo embora. Um grupo que está próximo a mim chama a atenção. Estão em um lugar bem destacado, um grupo numeroso, entre 10 a 12 jovens, todos do sexo masculino, e um deles faz uma batida com a boca, enquanto outros dois cantam uma letra de funk, que pelo pouco que consigo entender, é de conteúdo “levemente” pornográfico. O grupo chama bastante atenção, com um narguile aceso no banco, uma garrafa de vodka e um refrigerante para a mistura. Vários grupos param suas conversas para observar este momento.

Vale ainda ressaltar entre os outros resultados a forte presença do Sertanejo, representando 26% do total dos entrevistados. Este estilo musical tem uma força considerável no interior do Estado de São Paulo, em especial quando consideramos o oeste paulista, região onde se concentra uma forte cultura sertaneja, possuindo inclusive emissoras de rádio especializadas neste gênero musical. Muito embora os jovens tenham citado este gênero de forma significativa, não observamos um desdobramento desta preferência musical à forma de se vestir, já que temos escassos registros de jovens com vestimentas características do gênero, como calças jeans apertadas, botas e camisas de manga longa. Vale ressaltar ainda que vemos na figura da música sertaneja, sobretudo a vertente do “sertanejo universitário”, que possui uma grande popularidade entre o público jovem e repercussão midiática ampla, um gênero musical mais democrático, que é alvo preferencial de jovens de diferentes classes sociais.

Um último fator que nos chamou a atenção nas respostas que obtivemos foi o repúdio de alguns ao “rock”, já que tivemos um número considerável de jovens que responderam que gostam de “tudo, menos rock”. Não temos uma conclusão sobre o motivo concreto que gere esta repulsa pelo estilo, mas os jovens inqueridos citaram informalmente a nós motivos que iam desde “é muito barulho” ao “é som de *boy*”.

Após esta breve caracterização dos jovens frequentadores de nossa área de interesse, passaremos agora a descrever os aspectos que nortearam a concepção da presente pesquisa, representados pelo que compreendemos pelos “fluxos, tensões e territorialidades” que identificamos na localidade.

4.2 OS FLUXOS E AS TERRITORIALIDADES

Partiremos agora para o desenvolvimento dos aspectos que fundamentaram a construção e realização deste projeto de pesquisa, iniciando a descrição dos fluxos e territorialidades, observadas através das incursões de campo ao longo dos meses em que foram realizadas.

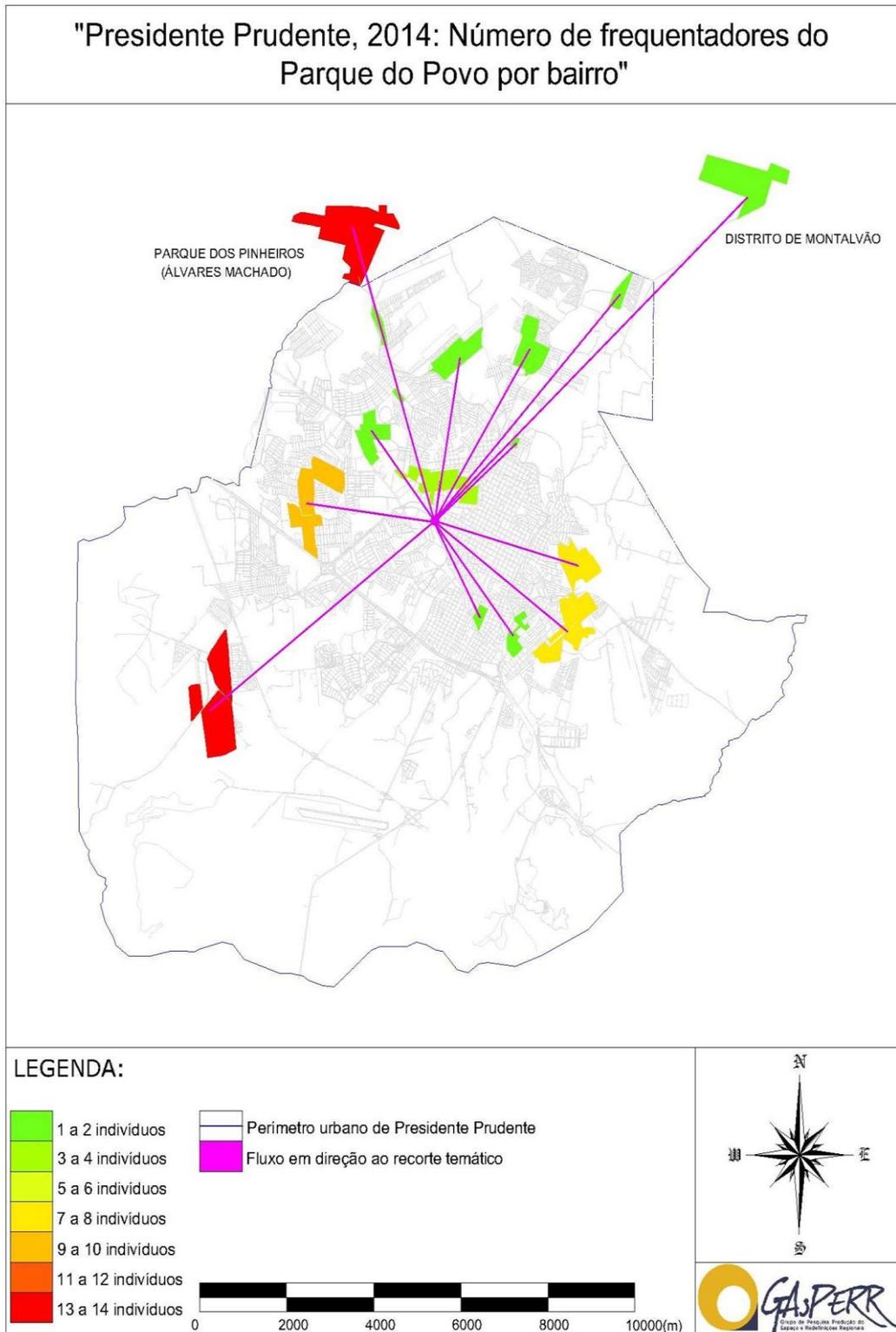
Os trajetos realizados por jovens em seus momentos de lazer no espaço urbano foi questão ressaltada por autores como Almeida e Tracy (2003), a partir da relevância que elas observam nas “trajetividades” que os jovens de classe média realizam nas noites da cidade do Rio de Janeiro, onde muitas vezes estes trajetos por si só acabam sendo o epicentro da diversão noturna que estes jovens vivenciam. Magnani (1996), além de nos trazer a importante concepção de “mancha de lazer”, também compreende a relevância dos trajetos e circuitos que compõem o universo do lazer noturno.

Porém, dentro de nossa pesquisa observamos ao longo do tempo em que estivemos em contato direto com os jovens frequentadores da localidade estudada, a necessidade de pensarmos os fluxos e trajetos, a partir de uma maneira particular, que pudesse atender as questões que nos instigaram a desenvolver o presente trabalho. Sendo assim, a primeira preocupação que nos surgiu foi a de estabelecer quais são os fluxos externos que os frequentadores de nossa área de interesse realizam pela cidade de Presidente Prudente, pautando-nos na premissa de que eles são, em grande maioria, jovens provenientes das periferias da cidade, que se deslocam até o Parque do Povo com o simples objetivo de aproveitar seu tempo de lazer nesta que é uma das localidades centrais do lazer noturno prudentino.

Nas enquetes realizadas junto aos jovens frequentadores, questionamos qual seria o bairro que eles habitam, com o intuito de construir um produto cartográfico que

nos desse o panorama dos fluxos externos que eles realizam semanalmente para aproveitarem seus momentos de lazer no Parque do Povo, aos fins de semana. Os resultados obtidos podem ser observados no mapa

MAPA 2 – Presidente Prudente, 2014 - Bairros de origem dos jovens respondentes das enquetes



Org: Barreto Netto (2015)

A partir do mapa, podemos observar que nossa premissa inicial, de que os jovens que frequentam a localidade eram primordialmente habitantes de bairros das periferias pobres de Presidente Prudente, se confirma. Temos presentes localidades de todas as zonas do perímetro urbano, sendo as mais relevantes as zonas leste e oeste.

Entre os bairros mais citados pelos jovens, podemos apontar o Conjunto Habitacional Ana Jacinta, localizado na mancha vermelha no extremo sudoeste do mapa, em concomitância com o Conjunto Habitacional Mario Amato, tendo em vista que são bairros fronteiriços e que muitas vezes se confundem, ficando difícil de distingui-los sem o prévio conhecimento de seus limites. Vale pontuar a distância deste bairro em relação a nossa área de interesse, ressaltando o longo trajeto que estes jovens enfrentam para realizarem seus momentos de lazer nos finais de semana.

Outro caso que chama atenção são dos bairros localizados fora do perímetro urbano de Presidente Prudente, em especial o caso do Parque dos Pinheiros, que foi o que apresentou o maior contingente de jovens em nossas enquetes. Este bairro é pertencente ao município vizinho de Álvares Machado, cidade limítrofe a Presidente Prudente e que possui 23.513 habitantes (IBGE, 2010)². Este bairro tem como particularidade estar localizado a uma distância de cerca de 8 km em relação ao centro da cidade a qual pertence, e a cerca de 10 km do centro da cidade de Presidente Prudente, além da presença de uma linha de ônibus intermunicipal especial que liga diretamente o Parque dos Pinheiros ao terminal rodoviário prudentino, passando pelo centro comercial da cidade, neste trajeto.

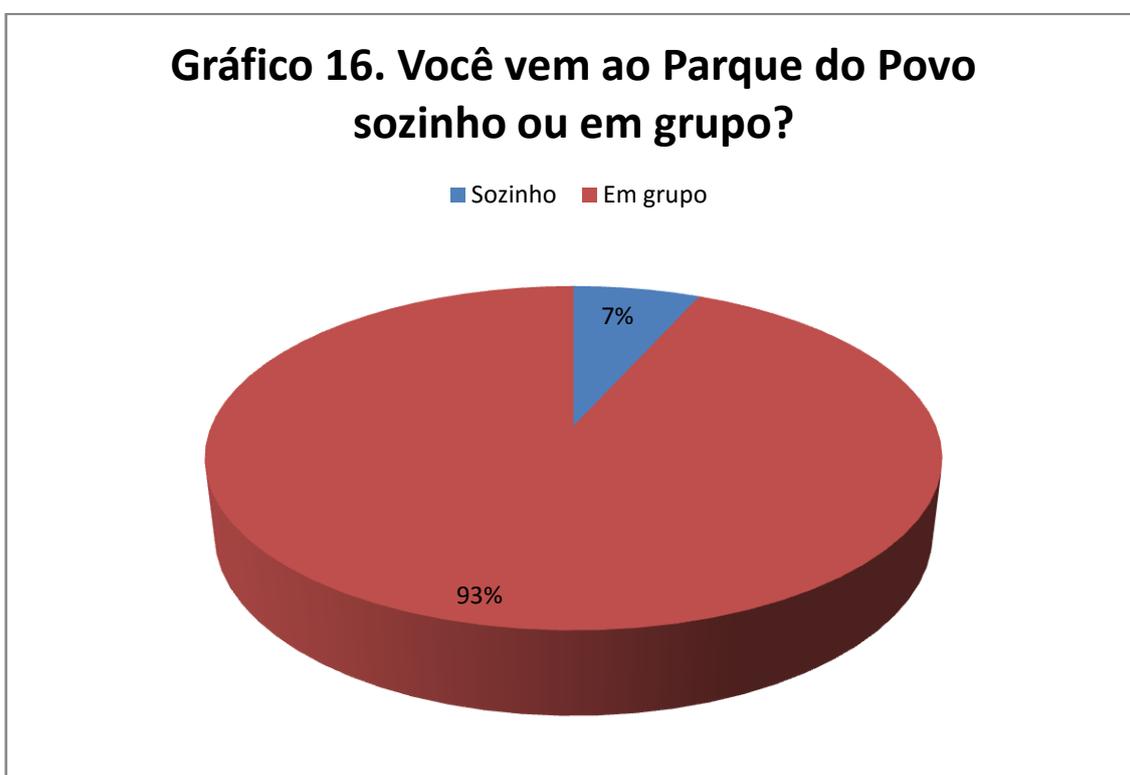
Estes fatores, somados ao fato de que este bairro se localiza praticamente conurbado aos bairros do extremo norte de Presidente Prudente, além da forte presença destes jovens nas tramas do lazer que estudamos no projeto nos leva a crer que o bairro estabeleça relações mais sólidas com a cidade de Presidente Prudente do que com o município ao qual pertence administrativamente, inclusive em relação ao momento de lazer dos jovens que o habitam.

Em relação aos fluxos dos jovens em direção à mancha de lazer que estudamos, conforme pontuamos no capítulo anterior, pudemos estabelecer que a característica principal do deslocamento é através do transporte público, no caso, os ônibus coletivos, representando 64% do total das respostas que obtivemos, seguido pelo

² Segundo consta na base de dados on-line disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350130>)

deslocamento por carros (17%) e o deslocamento a pé (12%). Sobre esta terceira opção, no mapa dos bairros podemos observar que alguns se localizam próximos de nossa área de interesse, como a Vila Geni (que embora esteja localizada em uma parte central da cidade, frequentemente é considerada uma localidade de exclusão social), ou até mesmo a Cohab, viabilizando o deslocamento a pé.

Outra característica importante para pensarmos os fluxos dos jovens na localidade estudada vai de encontro à dinâmica dos grupos destes jovens neste momento de deslocamento, quando questionamos se eles vêm para a localidade sozinhos ou em grupo. As respostas que obtivemos podem ser observadas abaixo no gráfico 16.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Observamos que a relação dos grupos começa já no destino destes jovens, reforçando uma correlação inclusive com as respostas apresentadas no capítulo anterior, quando questionamos aos jovens a origem destes grupos, em que 76% afirmaram que o grupo se origina nos bairros, enquanto outros 19% citaram a escola como local de formação dos grupos, e como já ressaltamos na discussão destes dados, acreditamos que estas duas respostas possam significar relações muito próximas, tendo em vista que, muitas vezes, os jovens estudam em seus próprios bairros.

Em uma das entrevistas realizadas, um dos jovens nos aponta algumas características de como funciona este deslocamento dentro de seu grupo

E- E onde vocês moram aqui em Prudente?

J1- Humberto Salvador

E- Todos os três?

J1- Sim, todos nós...

E- E vocês vieram juntos de lá?

J1- Isso...

E- Vocês se encontram no bairro e vêm pra cá, certo?

J1- Isso, toda sexta a gente se encontra num ponto e vem

E- Ah, então isso já é certo entre vocês

J1- Já, isso todo mundo já sabe.

E- E que horas mais ou menos vocês vem?

J2- Umas 8:10 a gente vem pra cá.

J1- Isso... 8:10 todo mundo no ponto.

J3- A gente já até sabe já... Não precisa nem falar.

J1- Só colar lá no ponto e ta cheio de gente lá.

E- Então vem bastante gente de lá?

j- Ah, vem sim... Vem bastante.

Este trecho da entrevista nos revela e nos auxilia a compreender um pouco da forma com que os deslocamentos são realizados, e a partir do que foi apontado pelo jovem, podemos notar que não é apenas o grupo deles que tem o ponto de ônibus do seu bairro como local de encontro, nos deixando a visão de que outros jovens e outros grupos também se utilizam desta mesma prática.

É válido ressaltar também que embora tenhamos um pequeno contingente dos jovens respondentes das enquetes que afirmaram que não realizam o deslocamento até o Parque em grupos, posteriormente questionamos a estes se encontram um grupo no local, e absolutamente todos os entrevistados responderam que sim, encontram seus amigos no Parque, embora realizem o trajeto até o local sozinhos.

Portanto, a partir do que observamos, tanto durante as incursões em campo, quanto através das enquetes afirmamos que é impossível dissociar as relações de sociabilidade tecidas pelos jovens na localidade estudada, a partir da formação de grupos e das relações entre os mesmos - sejam elas conflituosas ou amistosas - já que a individualidade não se apresenta como uma característica inerente aos movimentos que acontecem na mancha de lazer que estudamos e vivenciamos.

Ainda em relação aos fluxos, dentro das premissas iniciais do projeto constava o esforço que faríamos em observar as dinâmicas que ocorreriam dentro dos limites do Parque do Povo entre as diferentes áreas que tínhamos como foco do nosso projeto inicial. A partir dos primeiros trabalhos de campo, realizados entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014 a fim de estabelecer uma prévia compreensão das dinâmicas do lazer no Parque do Povo, acabamos por nos limitar ao espaço que trabalhamos ao

longo do projeto, tendo em vista que era o único que apresentava as dinâmicas que eram de nosso interesse de estudo (conforme já apontamos na parte destinada as metodologias de campo), além de não termos observado correlações entre os três diferentes recortes que tínhamos como panorama inicial (além do ponto de convergência com o *Prudenshopping*, a pista de skate, e o conjunto de quiosques da Avenida 11 de maio).

A partir disso, e apoiados pelos resultados de nossas enquetes, passamos a pensar se os jovens realmente não se deslocam para outros pontos do Parque do Povo e estabelecimentos diversos de suas adjacências (excluindo o *Prudenshopping*), e os motivos que impeçam ou desmotivem este deslocamento. No gráfico 18, observamos o percentual dos jovens respondentes em relação a esta questão.

Tendo como base as resposta, podemos observar que de um universo de 60 jovens entrevistados, nas mais variadas faixas etárias, praticamente metade destes exercem alguma atividade remunerada, mostrando para nós como essa questão de assumir as responsabilidades mais cedo parece ser uma característica dos jovens das camadas de mais baixa renda, como já vimos na literatura associada ao tema das juventudes na periferia (DAYRELL, 2005). Ter seu próprio dinheiro é, inclusive, uma forma de poder investir nos tempos e espaços de diversão com os amigos, visto que a família nem sempre tem condições de arcar com este tipo de consumo dos jovens.

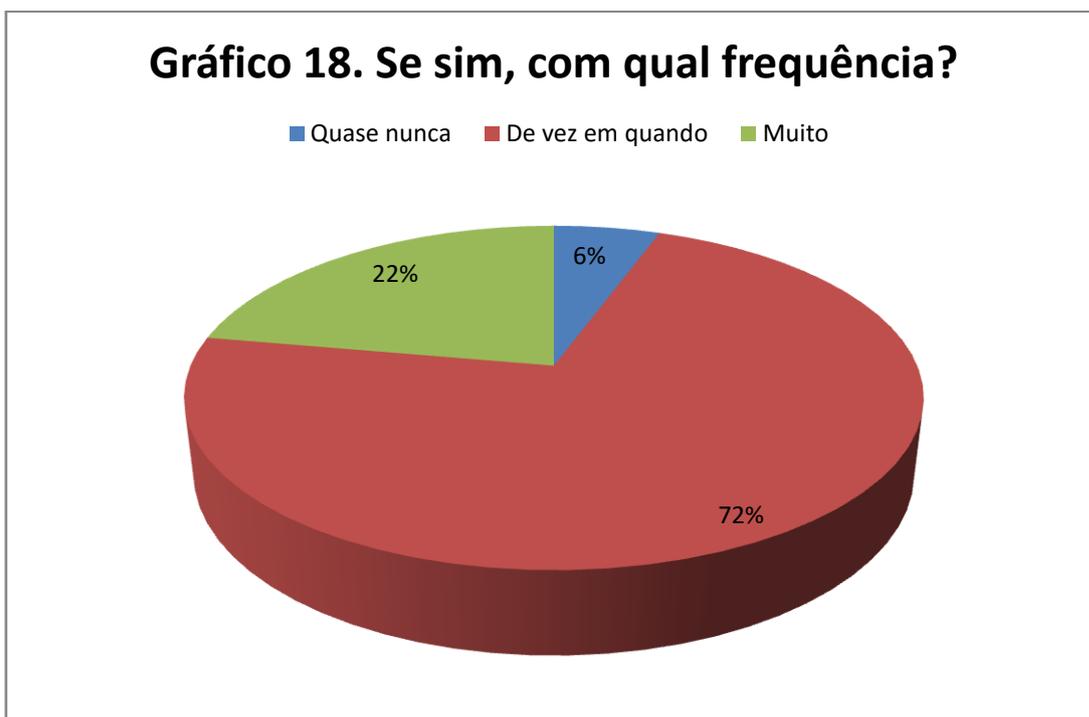


Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Observamos que é grande o contingente de jovens que se limitam ao espaço da mancha de lazer que identificamos entre o Parque do Povo e o *Prudenshopping*, mas

não podemos desconsiderar que mais de um quarto das respostas foram positivas a esta questão. Entre as localidades mais citadas pelos jovens como preferenciais para seu deslocamento, observamos a pista de skate presente em boa parte das respostas positivas, além dos diversos quiosques de lanches e outros locais que vendem produtos alimentícios que existem ao longo da extensão do Parque do Povo. Também observamos alguns jovens que citaram o “Sr. Boteco” como local preferencial para o lazer, bar este localizado praticamente defronte ao recorte territorial que estudamos, e é ponto de encontro para jovens que aparentam ser pertencentes a classe média prudentina, além de a uma faixa etária mais elevada.

Desta forma, é válido pensarmos também a frequência e intensidade destes trânsitos, a partir do que os jovens que deram uma resposta positiva disseram, em relação a frequência com que visitam e/ou transitam por estas outras áreas, conforme podemos observar no gráfico 18.



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Em relação a frequência, observamos que a maior parte das respostas ficou pautada no “de vez em quando”. Este termo, apesar de sua subjetividade nos revela o fato de que, mesmo os trânsitos entre outras áreas e/ou estabelecimentos representarem uma prática recorrente para o momento de lazer destes jovens ou grupos de jovens, eles não representam um aspecto fundamental do momento de lazer vivido por eles nas noites em que estão presentes na mancha de lazer que estudamos.

Levando todos estes aspectos em conta, de que existe realmente uma quantidade considerável de jovens que realizam seus trânsitos e vivenciam o período de lazer em outras partes do Parque e seus estabelecimentos (internos e externos) resta para nós questionarmos os motivos que o grande contingente de jovens que responderam negativamente sobre o deslocamento para outras partes encontram para não realizá-lo.

Entre as respostas mais frequentes que obtivemos, a maior parte delas era pautada na “falta de interesse” nas outras áreas do Parque, ou até mesmo “não gostar” dessas outras localidades. O que isso representa para nós é o fato justamente do Parque do Povo apresentar estas fragmentações, já que enquanto uma localidade é densamente ocupada, apresentando uma dinâmica intensa representada pelo grande número de jovens que frequentam o local, as demais áreas do Parque são menos ocupadas e apresentam uma maior heterogeneidade em sua composição.

Tomando a pista de skate como exemplo, nesta localidade temos uma dificuldade enorme em estabelecer um padrão (que não seja o vínculo dos jovens com o esporte, direta ou indiretamente) para os jovens que compõem e constroem seus laços com o local. Existem jovens de diferentes classes sociais, diferentes gostos musicais e até uma amplitude da faixa etária mais elevada, mostrando aí a sua diferenciação fundamental para com a nossa mancha de lazer, que em sua composição apresenta-se muito mais homogênea do que outros espaços do Parque. Sendo assim, temos a hipótese de que o desinteresse destes jovens em vivenciarem as outras dinâmicas do Parque do Povo está pautada pura e simplesmente nas distinções que eles observam entre si e os jovens que ocupam estas outras localidades.

Por fim, antes de passar a expor os aspectos relativos às territorialidades construídas pelos jovens ao longo de nossa área de interesse, é válido ressaltar que embora o que obtivemos como dados ao longo dos campos e através das enquetes tenha contrariado as nossas perspectivas iniciais (em que imaginávamos que os fluxos internos do Parque do Povo apresentavam uma dinâmica mais contundente, e o que acabamos obtendo enquanto dados empíricos e estatísticos nos apresentou uma realidade diferente, em que as diferentes localidades do Parque do Povo exercem suas dinâmicas a partir da vivência juvenil nestes espaços de forma independente em relação as outras), não podemos deixar de ressaltar que o que encontramos foi que a porção estudada do Parque exerce suas relações mais profundas com o *Prudenshopping*, estabelecendo um conjunto de fluxos e trajetos expressivos ao longo das horas de movimento, aos finais de semana, que culmina na constituição de uma

centralidade articulada pela mancha de lazer, que pudemos observar no espaço que permeia as localidades.

Dando continuidade ao reconhecimento das dinâmicas estabelecidas pelos jovens na mancha de lazer estudada, passamos agora a abarcar um pouco da dimensão territorial de nosso trabalho, representada através do que compreendemos enquanto as “microterritorialidades”, compostas pelos jovens a partir de suas vivências durante os seus momentos de lazer no Parque do Povo, enquanto espaço físico, material.

Conforme pontuamos na parte destinada a analisar os referenciais e conceitos que nortearam a construção teórica da pesquisa, nossa perspectiva em relação ao estudo das territorializações que observamos não vai de encontro com a noção de um território na perspectiva política, em que suas relações se estabelecem através da dominação, do poder - concepção esta muito utilizada pela Ciência Geográfica - mas sim através da concepção de um território construído socialmente, carregado de subjetividades do cotidiano que, em nosso caso, surgem a partir do momento do lazer. Ou seja, um território que se estabelece a partir das vivências e relações tecidas pelos indivíduos por intermédio da sociabilidade, construído de forma sobreposta aos territórios previamente constituídos institucionalmente, como o Parque do Povo, que é em si permeado por intencionalidades em seus usos e fins, a partir da esfera do poder público, e é nas “lacunas” do tecido espacial e social que se constroem as “microterritorialidades” (COSTA, 2013).

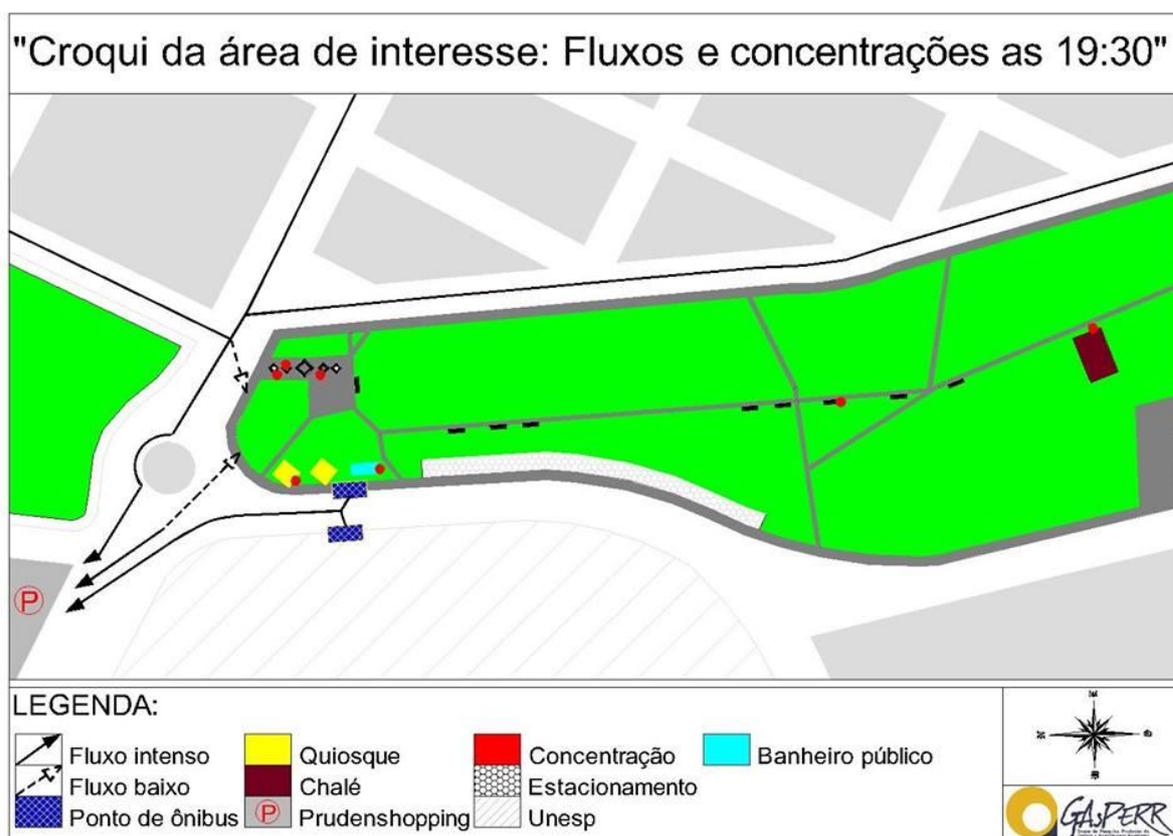
Para a melhor observação das territorialidades observadas no Parque do Povo, guiamo-nos pelos pressupostos metodológicos que Winkin (1998) apresenta, pensando em especial a importância que o autor coloca em relação as observações realizadas nas pesquisas de cunho etnográfico serem sistematizáveis, tendo como ferramenta a construção de “mapas temporais”, onde temos aberta a possibilidade de interpretar variações em um determinado espaço em diferentes dias e horários.

Desta forma, realizamos a construção de três croquis, pautados na concepção de mapas espaço-temporais, onde anotamos os principais fluxos e territorialidades que puderam ser observadas em três diferentes momentos da experiência de lazer e sociabilidade juvenil em nosso trabalho. Tendo como base a extensiva observação que fizemos ao longo dos meses em que realizamos os trabalhos de campo, determinamos três horários como base para a construção dos mapas, pensando numa perspectiva de “começo, meio e fim” das dinâmicas do lazer que ali ocorrem nas noites de sextas e sábados. Os horários selecionados foram: 19:30, que é o horário em que começa a se observar uma maior movimentação e chegada dos grupos de jovens, principalmente direcionada ao *Prudenshopping*; 21:30, que é o momento em que se

observa um maior direcionamento e agrupamento dos jovens no Parque do Povo; e finalmente, as 23:30, momento da dispersão, da partida da grande maioria dos jovens para suas casas, muito bem delimitado pelo horário dos últimos ônibus circulares.

Antes de iniciar a apresentação dos croquis, é válido ressaltar que a nossa intenção é apenas representar como funciona a movimentação dos jovens no local nos momentos que retratamos nos mapas temporais realizados. Estes mapas são produtos de uma longa vivência nos campos, e mostram resultados que são amplamente variáveis por uma série de fatores. Mas em suma, demonstram de forma sintética o que observamos no local ao longo dos meses de contato direto com o objeto de estudo.

Sendo assim, o primeiro horário de nosso interesse é as 19:30, momento em que observamos o “início” das movimentações pelo local, conforme podemos ver abaixo na imagem 1.



A partir desta representação, podemos destacar que os principais trajetos empreendidos pelos jovens vão em direção ao *Prudenshopping*, momento em que

acreditamos que lá se concentre boa parte do público frequentador da mancha de lazer que observamos entre o Parque do Povo e o supracitado *shopping center*.

Pelos fluxos representados, notamos um direcionamento maior dos jovens - que em sua maioria chegam ao local por volta deste horário - para o *Prudenshopping*, embora exista um fluxo muito mais tênue que alimente o movimento no Parque do Povo, os jovens frequentadores da área não permanecem muito tempo por lá, se mantendo em um constante movimento.

Quando existe a permanência de alguns grupos por este horário, notamos que são geralmente grupos isolados, sem apresentar uma concentração de vários grupos próximos como podemos ver ao longo que a noite vai avançando. Os locais preferenciais são, como de praxe, os bancos que existem ao longo da parte interior do Parque, preferencialmente os bancos que ficam concentrados na parte “central” da área de interesse, já na convergência com a Avenida Manoel Goulart. Também observamos neste horário alguns jovens que permanecem na parte lateral do banheiro público que existe no local, e também no chalé, que é conhecido popularmente como “Casa do Papai Noel”, por conta de seus usos característicos quando se aproxima a época do Natal.

É válido pontuar que nestes dois espaços, o banheiro e o chalé foram observadas as funcionalidades de consumo de drogas e tráfico, respectivamente. Mas iremos explorar estes aspectos com uma maior profundidade mais adiante no trabalho.

Desta forma, este é um período de movimento mais brando, marcado pela chegada dos jovens em ônibus, e nos fluxos direcionados ao *Prudenshopping*, deixando a impressão de que é neste local em que as tramas da sociabilidade empreendidas pelos jovens acontecem. Este movimento vai se dinamizando a medida em que o tempo passa. Por volta das 20:30 é que se começa a observar um maior fluxo entre o Parque do Povo e o *Prudenshopping*, chegando até o momento que consideramos o início do clímax das dinâmicas do lazer noturno de nossa mancha de lazer, em torno das 21:30, conforme podemos observar adiante na imagem 2.

Em torno deste horário é que observamos uma maior intensidade nos trajetos realizados entre o Parque do Povo e o *Prudenshopping* para ambos os sentidos. Porém, ao longo da noite o expediente do *shopping center* vai se encerrando e os jovens tendem a cada vez mais se estabelecerem no Parque. Observamos também que este é o momento em que a minoria de jovens que observamos frequentar outras partes do Parque do Povo realizam estes trajetos, que é bem rarefeito nos momentos anteriores das noites nesta área.

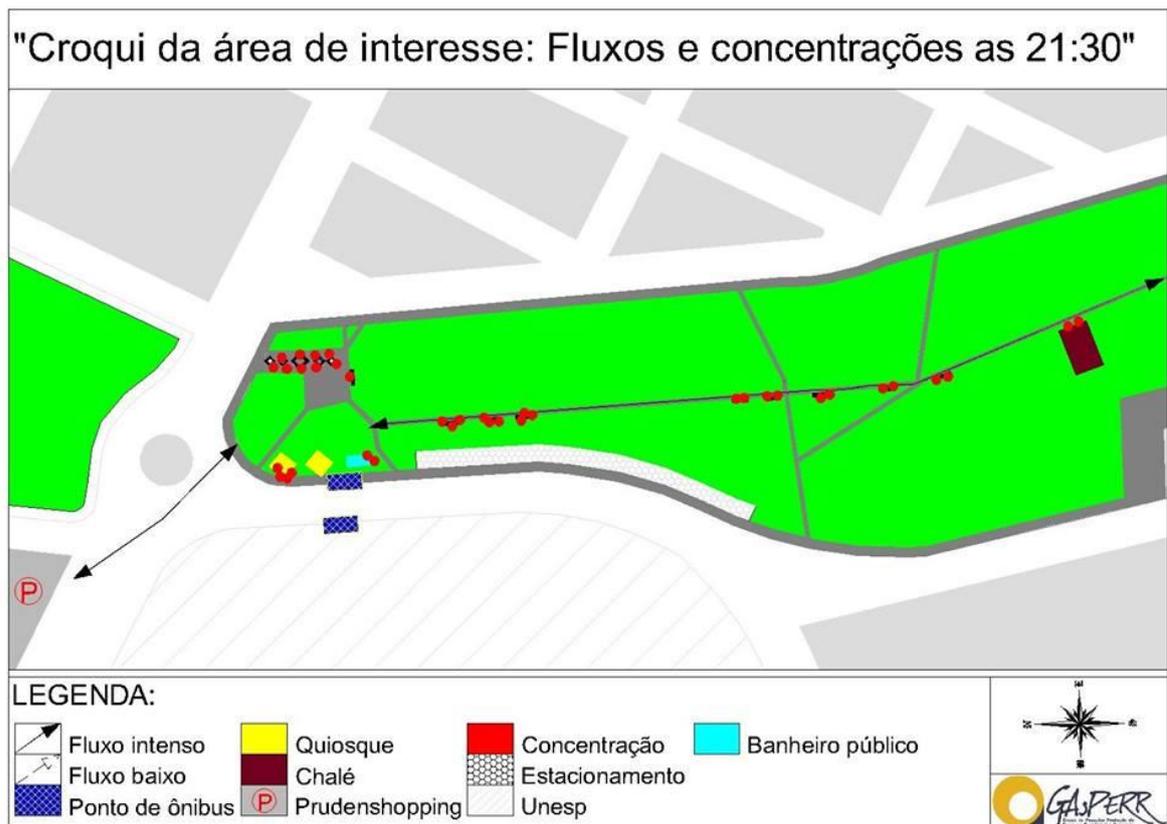


Imagem 2: territorialidades e trajetos na área de interesse (21:30)
 Fonte: Trabalhos de campo

Este período também se caracteriza muito por apresentar uma concentração mais intensa em todos os pontos que compõem a área de interesse. Vemos um maior número de grupos de jovens nos bancos, no “Batt’s Burguer”, nas laterais do banheiro, no chalé... Enfim, tudo fica mais intenso. As conversas são mais intensas, as movimentações são mais intensas, a paquera é mais intensa, o consumo de drogas no banheiro é mais intenso, as atividades no território dos jovens traficantes também é mais intenso, e tudo isso num curto espaço de tempo.

Em nossas observações, apoiadas pelos resultados que obtivemos em enquetes e entrevistas não nos mostrou evidências de que os grupos se territorializam com uma ordenação predefinida, sejam elas filiações por bairros de origem, preferências musicais, classes sociais, ou quaisquer que sejam. O que reforça para nós a ideia de que o público dali se apresenta a partir de uma homogeneidade em relação as suas preferências culturais e de estilos, sobrepondo-se inclusive às possíveis distinções que tínhamos como hipótese, a partir dos bairros de origem.

São três pontos que nos chamam a atenção e mostram particularidades em relação ao todo: o primeiro é o que se localiza na parte que consideramos “central” na área de interesse, onde se está um conjunto de bancos no ponto próximo a convergência com a Avenida Manoel Goulart. Neste local, observamos que existe uma

maior densificação dos grupos, aparentando ali ser o local mais “privilegiado” do recorte territorial, onde se localizam os grupos mais numerosos, mais barulhentos, e que em alguns casos aparentam ser os que mais tecem relações com outros grupos.

9 de maio de 2015, sexta-feira, 21:50~22:00

Agora, em torno de 21:50 da noite observamos um ápice repentino no movimento, e é impressionante a concentração de jovens na parte central do recorte... sem exagero nenhum, conto pelo menos 60 jovens disputando um espaço neste local, vários jovens sentam na mureta que separa o Parque da calçada que margeia a Av. Manoel Goulart... Daqui consigo ver dois narguiles acesos, pertencendo a grupos diferentes, além de bebidas que os jovens misturam com refrigerantes, não consigo ver o rótulo, mas me parece ser vodka. E a conversa bastante animada, celulares tocando música, talvez seja o tal “efeito começo de mês”

Os outros dois pontos que chamam a atenção são os espaços do entorno imediato do banheiro público que temos na área e o entorno do chalé, ambos intimamente ligados a atividades marginalizadas, marcados pelo consumo e venda de drogas, respectivamente. Estes dois locais foram onde foram apresentadas uma territorialidade própria, onde seus usos e fins são definidos a partir da apropriação que alguns grupos fazem deles, visando a prática destas ações.

24 de janeiro de 2014, sexta-feira, 23:00

O que consigo observar até o momento é que o banheiro não é um local apenas para alívio fisiológico, muito pelo contrário, seus usos são bem delimitados, e o uso de drogas dentro e fora dele são constantes ao longo da noite... jovens fumam maconha normalmente no bebedouro que se encontra na lateral dele, e bem como jovens aparentam usar cocaína lá dentro... é clara também a presença de uma atividade de tráfico na “casa do papai noel”, ainda preciso observar mais a fundo para afirmar, mas até pelos relatos que tenho de amigos, ali é um ponto de venda conhecido...

Passado este momento após as 21:30, o movimento no local vai se intensificando a medida que chegamos ao período que marca o “fim” das dinâmicas no local, pontuado pelo horário das 23:30 como vemos posteriormente na imagem 3.

O que mais nos chama a atenção neste momento é o abrupto esvaziamento que presenciamos em todos os dias que estivemos em campo, onde em uma questão de no máximo meia hora, entre as 23:15 e 23:45 o movimento no local se esvazia

totalmente, restando, após este horário, um cenário parecido com o que observamos no início do “rolê”.



Imagem 3: territorialidades e trajetos na área de interesse (23:30)
Fonte: Trabalhos de campo

Temos motivos concretos para afirmar que esta debandada em massa se dá, principalmente, pela dependência que grande parte destes jovens tem para com o transporte público, como já foi evidenciado pelos resultados das enquetes. E mesmo os jovens que chegam à mancha de lazer por outros meios acabam também indo embora neste momento, acompanhando o movimento de saída da grande maioria dos jovens frequentadores. Pudemos observar este acontecimento por dezenas de vezes, como podemos ver no relato abaixo.

24 de janeiro de 2014, sexta-feira, 23:25

Novamente chegando este horário a debandada é massiva, parece que todos os jovens querem se espremer nos últimos ônibus, o que gera apreensão em alguns, pois segundo uma conversa que consegui pegar no ar, uma menina estava falando em tom ríspido com uma amiga “se o motorista não parar pra gente, você vai pagar meu moto-taxi”... curiosamente, talvez pra se prevenir disto e não ficarem presas no ponto de

ônibus abarrotado seguiram em direção à Avenida Manoel Goulart, provavelmente para pegar o ônibus em um ponto antes.

Desta forma, mesmo tendo em vista este momento de dispersão do movimento da nossa área de interesse, ainda ficam marcadas algumas territorialidades pelo local, como a vinculada ao tráfico, mas que também vão se esvaindo, na medida em que a noite avança. Via de regra, o que se observa é que no máximo as 00:30 já é raro ver alguma movimentação pelo local, e o que se vê são alguns grupos que ficaram ali até mais tarde, consumindo algo nas mesas da lanchonete Batt's Burger e, raramente, grupos juvenis que ficam até um pouco mais tarde pelo local.

Em suma, a nossa conclusão perante o que observamos através das territorialidades que os jovens constroem e exercem em nossa área de interesse refuta as nossas premissas iniciais, visto que pensávamos a existência de relações mais profundas com os bairros de origem, gerando tensões que, possivelmente, seriam refletidas a partir do território simbólico que os jovens constroem ali, em seu tempo de lazer. O que observamos foi uma territorialidade constituída de forma mais ampla, se sobrepondo aos grupos e aos indivíduos dotados de seu "território corpo" (DIÓGENES, 2008).

Ou seja, acreditamos que o conjunto de grupos de jovens que frequenta o local constrói a territorialidade a partir de sua vivência em conjunto naquele espaço, independentemente de eventuais rixas ou conflitos. Portanto, é também a partir da homogeneidade de afinidades socioculturais, que observamos e obtivemos enquanto dados de nossas entrevistas e enquetes, que temos a base para afirmar que, salvo as exceções do que vimos nas práticas realizadas no banheiro e no chalé (estas mais bem definidas e destoando do resto), temos um espaço que não nos pareceu, em nenhum momento, como fragmentado a partir de várias construções "microterritoriais" distintas, mas sim um movimento que se faz enquanto uma territorialidade única, construída por estes jovens, direcionada para estes jovens.

Como uma última observação, não temos a intenção de trazer a visão romantizada de que ali todos estão vivenciando sua juventude conjuntamente, em plena harmonia, livre de conflitos e desentendimentos, pois seria uma visão rasa e simplista de se compreender a realidade do local. Mas a visão que obtivemos de uma territorialidade composta pelo conjunto de grupos de jovens que ali frequentam não é isenta de possíveis relações conflituosas, como passaremos a discutir no próximo item, a partir de nossa compreensão das tensões que observamos em nossa área de interesse.

4.3. AS TENSÕES

Inicialmente no projeto, nossa concepção base para compreendermos as tensões que buscávamos observar em nossa área de interesse estava pautada em possíveis tensões entre classes sociais, ou seja, entre formas diferentes que jovens com formações socioculturais distintas possam encarar este período da juventude, e potenciais conflitos, a partir da interrelação entre estes jovens. O ponto central para esse argumento era a proximidade que o Parque do Povo possui em relação aos estabelecimentos de lazer noturno que permeiam o seu entorno imediato, e em especial a nossa área, que tem em suas margens uma das principais centralidades do lazer noturno prudentino, representada através dos bares que se localizam na Avenida 14 de Setembro.

Porém, com o início dos trabalhos de campo e o aprofundamento em nossas observações *in loco*, vemos que o diálogo entre os jovens que frequentam estes diferentes espaços e experienciam diferentes formas de vivenciar a juventude é ínfimo, o que nos levou a construir uma outra forma de observar as tensões a partir de duas premissas fundamentais: primeiramente, a observação das potenciais tensões internas que poderíamos encontrar no espaço, pautada na relação entre os diferentes grupos que frequentam a localidade; e em segundo lugar as tensões externas, representada pela relação dos jovens e o movimento construído por eles na mancha de lazer para com as forças externas, que ditam os ritmos da organização e ordenação social, majoritariamente sob a figura da polícia.

Sendo assim, pensando as tensões a partir da primeira premissa, nosso esforço inicial foi de tentar perceber potenciais conflitos e comportamentos violentos entre os grupos.

Dentro das enquetes que foram aplicadas com os jovens frequentadores do recorte, questionamos se eles observavam alguma diferença entre o grupo de amigos ao qual pertencem e outros grupos de jovens que frequentam o Parque do Povo. A intencionalidade desta pergunta é justamente pensar um dos principais fatores que gera tensões no espaço social, as diferenças. E não somente pensá-las, mas também observar se os jovens notam estas possíveis diferenças.

No gráfico que segue, podemos observar que praticamente dois terços dos respondentes afirmaram não notar diferenças significativas entre os jovens que frequentam o Parque do Povo, enquanto 35% afirmaram nota-las. É uma diferença sensível, e reveladora em sua essência, pois nos ajuda a confirmar que não apenas nós, na condição de observadores, que observamos uma notável homogeneidade nos

jovens que frequentam esta área do Parque do Povo, mas também os próprios jovens reconhecem esse aspecto, mesmo que de forma inconsciente.

Gráfico 19. Você nota diferenças entre seu grupo de amigos e outros grupos que estão no Parque do Povo?



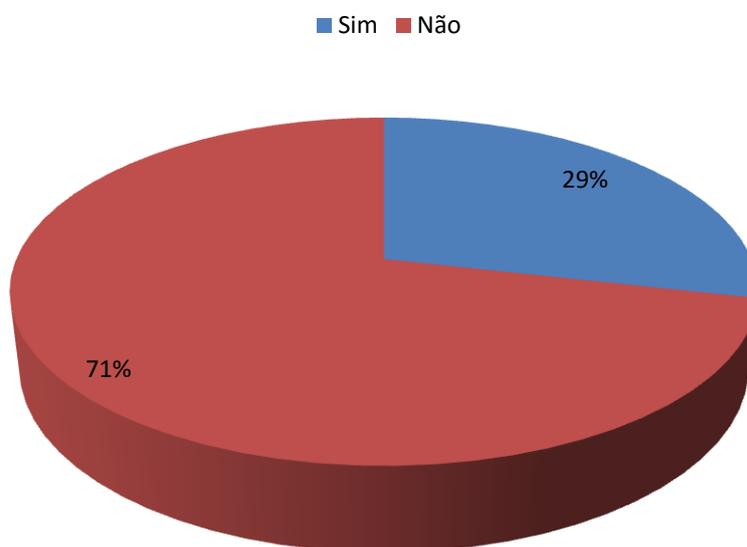
Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Para os jovens que responderam sim, questionamos quais seriam estas diferenças que eles observam. Como a resposta era livre, obtemos uma variedade de visões deles sobre o assunto, mas entre as que mais se repetiram destacamos: diferenças de estilos e gosto musical, a presença de “maloqueiros” e pessoas que usam drogas ilícitas.

Para aprofundar a questão ao ponto que gostaríamos de alcançar, em relação as potenciais tensões que estas diferenças possam gerar, questionamos os jovens que responderam afirmativamente se eles notam que estas diferenças causam algum tipo conflito. Podemos observar as suas respostas no gráfico 20.

Desta maneira, como observamos no próximo gráfico, podemos ver que se reforça ainda mais a tese de que as tensões entre os próprios jovens nessa localidade ocorrem de forma pontual, 71% dos jovens afirmaram que as diferenças observadas não geram conflitos, e que o respeito em relação ao “outro” é um fato concreto. Dentre os 29% restantes que afirmaram que existem conflitos, questionamos os principais tipos. Todas as respostas foram no sentido da agressão física como desencadeamento direto dos desentendimentos que podem ocorrer a partir das diferenças.

Gráfico 20. Estas diferenças causam algum tipo de conflito?



Fonte: Enquete aplicada em junho de 2014.

Essas diferenças nas respostas puderam ser observadas nas entrevistas que realizamos junto a alguns grupos de jovens no Parque do Povo. Em uma das entrevistas, questionamos sobre a visão deles em relação a possíveis conflitos que possam ocorrer, como vemos abaixo

E- Então vai, a última pergunta: Vocês percebem aqui no Parque do Povo alguma tensão, algum conflito, alguma treta que rola entre as pessoas que andam por aqui?

J- Não...

J2- Aqui é suave, tudo na paz...

J3- Tranquilidade total...

Em contraste, outro grupo, este composto por meninas, nos deu uma resposta totalmente diferente, e inclusive bem detalhada, como segue:

E: Aqui no Parque do Povo vocês observam algum tipo de tensão, conflito, de treta?

J1: Todo dia que „nós“ vem...

J2: Eu vejo muito menino, assim, que te olha “de cima em baixo”, sabe? Querendo arrumar confusão

J3: Altas drogas...

E: Mas entre grupos, alguma coisa?

J1: A gente não anda com gente assim

J2: Mas tem!

J3: É, tem...

J1: Gente de um bairro que não gosta do outro, aí vem pra brigar... essas coisas.

E: Vocês já viram alguma coisa assim?

J1: Já, já sim...

J2: Você lembra o dia que o cara ficou desmaiado ali? (Falando para a amiga)

J3: Sim...

Entre estes dois relatos completamente diferentes na forma de visualizar e compreender as tensões existentes no Parque do Povo, o que observamos ao longo dos trabalhos de campo foi uma realidade que se aproxima do que os primeiros jovens entrevistados responderam, pois nunca observamos uma situação de conflito ou hostilidade entre os diferentes grupos que compõem o “rolê” na mancha de lazer que estudamos. Mas isto não quer dizer que estamos descartando a visão das meninas em relação ao fato, mas não confere com a realidade que acompanhamos no local ao longo dos meses de estudo.

A segunda e principal premissa que acreditamos ser uma potencial geradora de tensões se dá pela presença de uma territorialidade caracterizada e delimitada pelo tráfico de drogas dentro da área de interesse. Muito embora um pequeno número de jovens esteja no local também para participar das dinâmicas do lazer que ali ocorrem, eles a desenvolvem de uma forma particular, praticando uma atividade ilícita potencialmente geradora de tensões e conflitos, principalmente quando pensamos nisto enquanto fator que frequentemente desloca efetivos policiais para a área, afetando negativamente a dinâmica do movimento que acontece. Sendo assim, é a partir da ação do poder público, regulador das atividades nos limites da cidade “inscrita” (DIÓGENES, 1998), atuando sobre a figura das forças policiais que observamos a ocorrência das “tensões externas”, que influenciam as dinâmicas do lazer no Parque do Povo.

Pessoalmente, em uma ocasião especial, acabei sendo acidentalmente vítima de uma truculência por parte destes jovens que trabalham com a venda de drogas no local, e conseqüentemente fazendo com que eu experimentasse um pouco da tensão e hostilidade que esta atividade carrega consigo, conforme vemos no relato abaixo.

14 de fevereiro de 2014, sexta-feira - 21:00 ~ 22:00

Apesar dos chuviscos, o movimento continua intenso, o cheiro de maconha continua com uma maior intensidade do que antes... às 21:15 noto que chega o momento do ápice de hoje, grupos mais numerosos que o comum se reúnem por todos os bancos deste extremo do Parque do Povo, exceto pelo que estou ocupando... às 21:40 um jovem atravessa o parque de moto, praticamente todos se viram para observar a cena, é a primeira vez que vejo algo do tipo por aqui... às 21:50 decido me deslocar para o estacionamento dos quiosques, para verificar o movimento por lá, no trajeto sou abordado próximo à casa do papai Noel por um grupo de 5 ou 6 jovens traficantes que

questionam a minha presença no local, eles chegaram me cercando e com a visível intenção de me “linchar”. Perguntam hostilmente “qual que é a tua fita play?”, “ta direto aqui mano, ta atrás do que maluco?”...

Este foi um dia especialmente atípico, tanto quando pensamos no jovem que atravessou o Parque do Povo de moto, colocando outras pessoas em risco em um dia particularmente movimentado, quanto ao pensar esta truculência da qual fui vítima. Embora tenha sido um fato isolado, não deixa de ser um fato importante a se considerar para pensarmos as tensões que a atividade gera para com os próprios jovens que frequentam a localidade usualmente.

Vale pontuar também que a própria estranheza com que eu fui visto pelos jovens ao longo dos trabalhos de campo é causadora dessa “reação defensiva” que sofri por parte destes jovens. Desde o início, as minhas diferenças no referencial estético, e até mesmo a pouca diferença etária que possuo em relação aos jovens da mancha de lazer foram nítidas e sensíveis. Sendo assim, não posso reclamar ao receber um tratamento diferenciado ou hostil, pois ali eu represento um corpo estranho, não pertencendo àquele local e nem aos referenciais estéticos e culturais dos jovens das periferias prudentinas.

Um dos aspectos fundamentais que fomos analisando e percebendo ao longo das incursões que realizamos fica implícito na forma com que a polícia atua como um gerador de tensões em potencial para o movimento da área. As abordagens que observamos durante os trabalhos de campo eram, quase sempre, motivadas pela tentativa das autoridades de coibirem a venda e uso de drogas existente na área, tendo quase sempre as concentrações localizadas no chalé e no banheiro como alvos. A fim de situar o leitor, segue uma destas situações transcrita abaixo

6 de junho de 2014, sexta-feira, 22:45

Agora, aproximadamente 22:45 uma viatura do tático entra dentro do parque para abordar um grupo de jovens que aparentemente estavam consumindo algum tipo de droga na parte externa do banheiro, e os policiais agem com truculência, como é de costume. Enquanto um dos policiais deu a volta pela rua, o tático veio pela parte de dentro do parque para não dar chance de nenhum escapar. Todos com arma em punho, gritando, situação bem tensa. Enquanto vou caminhando no sentido do ponto de ônibus para ter uma melhor visão sem levantar suspeitas, observo que a territorialidade dos traficantes foi esvaziada, bem como uma grande parte da movimentação começa a se dispersar, como era de se esperar... ninguém quer dar sopa pro azar...

Estas incursões são comuns, muitas vezes são realizadas por viaturas de ronda comuns e, geralmente, passam pela parte gramada do Parque, mas sem a intenção de realizar abordagens, e sim apenas de coibir. E sempre que elas acontecem, de uma forma ou de outra influenciam na movimentação, levando muitos jovens a, por vezes, se deslocarem rumo ao *Prudenshopping*, ou em outras, dependendo do horário, leva-os a encerrar o seu momento de lazer noturno um pouco mais cedo. Tudo para evitar abordagens ríspidas por parte das forças policiais.

Em uma ocasião, estava sentado no Batt's Burguer numa mesa, conversando com o proprietário, o Batista, e presenciei uma abordagem absurdamente desproporcional, que devidamente reproduzi nos diários de campo como segue

21 de junho de 2014, sábado, 20:00

Ainda era cedo, aproximadamente umas 20:00, e estava no Batista conversando com ele numa mesa, bem informalmente, quando vejo um grupo de três garotos vindos do shopping que se sentam num banco localizado atrás da lanchonete. Aí que percebo uma viatura adentrando de surpresa o Parque pela Av. Manoel Goulart, e indo na direção dos garotos. Um deles (garoto branco, no máximo 15 anos, um pouco obeso, e aparentando ser pertencente a classe média, principalmente pelas roupas de marca e aparência bem cuidada) tem a péssima idéia de se levantar e caminha por entre as mesas da lanchonete aparentando estar em um estado de pânico, no momento exato em que ele passava por mim aparece um policial pelo Parque com arma em punho dando ordem pro garoto parar, isso ele estando a poucos centímetros de mim. Fico indignado com a imprudência dele ao apontar a arma a um garoto que não oferecia resistência nenhuma, mas guardo pra mim. A abordagem decorre com um dos policiais procurando o mato ao redor dos garotos com uma lanterna. Provavelmente deviam ter alguma coisa com eles.

Este acontecimento nos impressiona, pela maneira com que um jovem completamente acuado e inofensivo teve uma arma apontada para si, independentemente se ele estivesse portando algo ilícito ou não, a atitude do policial, representante do Estado, mostra uma truculência completamente desproporcional, que deve ser um fator a ser levado em consideração, ao pensarmos estas atitudes como potenciais geradoras de tensões, que agem externamente à mancha de lazer.

Em suma, dentre as duas principais premissas que construímos ao longo das observações para pensar as potenciais tensões existentes no espaço, a que se apresenta como mais contundente e atuante na localidade é a tensão entre os jovens e a polícia. Frente a esse cenário, de jovens das periferias de Presidente Prudente,

sofrendo limitações no sentido de explorarem as dinâmicas da sociabilidade juvenil em uma localidade central da cidade nos faz questionar até mesmo o acesso que estes jovens possuem ao espaço urbano. Estariam eles fadados a vivenciar o lazer em seus bairros apenas? Pois devemos levar em conta que as tensões existem não apenas no Parque do Povo, espaço público, mas também no espaço privado representado pelo *Prudenshopping*, e que em conjunto constituem uma mancha de lazer, onde a repressão acontece de formas diferentes em seu caráter, mas similares em sua essência.

Portanto, devemos realizar o questionamento de até que medida essa repressão não carrega consigo uma intencionalidade de simplesmente tornar a vivência juvenil experienciada por eles nesta localidade central, valorizada e luminosa da cidade um fardo? Uma tensão externa, que se sobrepõe inclusive aos focos de atividades ilícitas existentes no recorte territorial. E a culpa é de quem?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao término da exposição dos resultados da pesquisa, resta a nós fazer um balanço do que vivenciamos ao longo dos breves meses em que estivemos em contato direto com os jovens que estudamos. É válido ressaltar que não temos a intenção de adotar um tom conclusivo para esta pesquisa, mas sim de apontar algumas das visões que adquirimos acerca do tema e da realidade que observamos ao longo do trabalho.

Pudemos confirmar em nossa vivência de campo a intensa dinâmica produzida pelos jovens em seus momentos de lazer, e também pudemos ter a noção das diversidades inerentes a este período da vida. Tivemos como referenciais teóricos autores diversos onde cada qual estudou jovens diferentes, com características distintas, e em localidades diferentes. Desta maneira é válido ressaltar que confirmamos esta pluralidade de possibilidades de se vivenciar a juventude, alertando-nos para a relevância das incursões em campo para pesquisas da natureza que aqui desenvolvemos, já que os referenciais teóricos nos auxiliam a pensar a juventude enquanto definição, conceitualmente, mas não conseguem comportar as particulares maneiras de se viver este período da vida, tendo em vista a heterogeneidade observada nas distintas culturas juvenis.

Nosso objeto de estudo foram os jovens das periferias da cidade de Presidente Prudente. Jovens estes que, em grande número, habitam os principais focos de exclusão social desta cidade, e a partir disto pudemos vislumbrar que o momento de lazer deles, sob a figura das visitas que realizam à mancha de lazer que tivemos como palco para nossas análises, aparece para nós enquanto um movimento de “transgressão”, de conquista da cidade que lhes é negada por sua condição imposta enquanto “jovens proscritos” (DIÓGENES, 1998). Mas também reforçamos que isto acontece pura e simplesmente pelo lazer e para o lazer, portanto devemos evitar adicionar um sentido de embate para esta “conquista” que interpretamos, pois ela ocorre a partir da vontade destes jovens de participarem das dinâmicas do lazer que acontecem nesta área central da cidade de Presidente Prudente - principalmente quando pensamos no *Prudenshopping* enquanto principal atrativo - e torna-se material a partir densa ocupação que estes jovens realizam no Parque do Povo semanalmente.

O ponto central de nossas análises foram a observação e interpretação dos fluxos, tensões e territorialidades produzidas pelos grupos de jovens que estudamos neste trabalho. Nossa conclusão para o que observamos a partir destes três aspectos

é de que eles estão intimamente entrelaçados em uma relação de sobreposição, pois acreditamos que os fluxos gerados pelos jovens, tanto a partir dos trajetos que eles realizam de suas casas até a mancha de lazer, quanto pelos trânsitos entre Parque do Povo e *Prudenshopping*, terminam em consolidar as territorialidades dentro da mancha de lazer que, por sua vez, são potenciais geradoras de tensões neste espaço.

Este exemplo fica claro a partir do que apresentamos em nossas análises, já que os jovens se deslocam à mancha de lazer, produzindo territorialidades (ou microterritorialidades) que, de forma coesa, estabelecem os parâmetros necessários para que as tensões se manifestem. Em nosso caso, observamos que curiosamente a mais sensível e observável tensão espacial é relacionada às incursões policiais, que muitas vezes acaba por dispersar o movimento, o que nos leva a questionar as possíveis limitações que estes jovens experienciam em suas vivências pelo espaço urbano prudentino. Será este o único momento em que o Estado - com seus interesses representados pelas forças policiais - nega o acesso destes jovens a cidade?

Ainda, devemos ressaltar a rapidez com que as dinâmicas do lazer se produzem e se modificam pelo espaço, por vezes pautada em um direcionamento dos próprios jovens para outras áreas, e outras motivadas pela reestruturação e/ou resignificação dos espaços que preferencialmente frequentam.

Pensando esta efemeridade das dinâmicas do lazer, observamos que atualmente, no início do segundo semestre de 2015, está em processo uma ampla reforma no extremo norte do Parque do Povo, onde observamos uma reforma no calçamento, a demolição do banheiro público que se localizava na mancha de lazer, além de estar prevista a instalação de uma base policial interna no Parque, a pouco mais de 100 metros da nossa área de interesse.

Por fim, fica o questionamento de quais serão os efeitos destas alterações para com o movimento que estudamos. Por ora, ainda observamos que as movimentações continuam tão intensas quanto no tempo em que estivemos imersos nesta realidade aos finais de semana, mas será que com a presença mais sólida e constante da polícia militar este movimento continuará com a mesma força de antes? Pois devemos ter em vista que por trás dos argumentos relativos ao aumento da segurança no local, também devemos ter em vista as entrelinhas, e os impactos que a presença de uma força repressiva pode representar para o desenvolvimento da(s) dinâmica(s) noturna(s) empreendidas pelos jovens pobres das periferias prudentinas nos finais de semana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994. 172 p.

ABREU, D. Esboço histórico da fundação de Presidente Prudente. In Sposito, M. (org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: 2001.

ALMEIDA, M. I. M. de; TRACY, M. de A. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BERNARDELLI, M. L. F. H. Programa Cura III em Presidente Prudente: Uma porta para a cidade? In: SPOSITO, M. E. B. (org) **Textos e Contextos para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese** (Rev. de Sociologia Política da UFSC), vol. 2, nº 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho/2005.

BRUSTELO, N. S. **Práticas sociais adolescentes em um shopping center de Presidente Prudente**: espaço, tempo, controle social e consumo. 2014. 204 f. Relatório Final de Iniciação Científica (Graduação em Geografia), Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unesp, Presidente Prudente.

CALIXTO, M. J. M. S. O Papel Exercido pelo Poder Público Local no Processo de Produção Seletiva de um Novo Padrão Ocupacional. In: SPOSITO, M. E. B. (org) **Textos e Contextos para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CETRULO, F. **Simmel**: sociabilidade e sociedade moderna. In: D'INCAO, M. A. (org.) **Sociabilidade**: espaço e sociedade. São Paulo: Grupo Editores, 1999. p.15-33.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 87 – 121.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999. 79p.

COSTA, B. P. da. Microterritorialidades: uma relação entre objetividade do espaço, cultura e ação intuitiva do sujeito. In: HEIDRICH, A. L; COSTA, B. P. da; PIRES, C. L. Z. (org.) **Maneiras de ler: Geografia e Cultura**. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2013. P. 62-74

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: Humanitas, 2005.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 395 p.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole: fazendo antropologia urbana.** São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p. 12 – 53.

_____. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo (USP), v. 35, p. 191 – 203, 1992.

MARGULIS, M. **La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires** - 1ª ed. 2ª reimpr. - Buenos Aires: Biblos, 1997.p. 11 – 30.

MONTESSORO, C. C. L. Presidente Prudente: a instalação dos shopping centres e a (re)estruturação da cidade. In: SPOSITO, M. E. B. (org) **Textos e Contextos para a Leitura Geográfica de uma Cidade Média.** Presidente Prudente: UNESP, 2001.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, M. C. **Diversão noturna das juventudes prudentinas: O caso da mancha de lazer do Jardim Bongiovani.** 2012, 101 f. Monografia (Graduação em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unesp, Presidente Prudente.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em Presidente Prudente - SP: A lógica da expansão territorial urbana.** Rio Claro, 1983. 230f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, UNESP. 1983.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis: Territórios e rede de sociabilidade.** Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionários aplicados aos jovens

Questionário - Sociabilidade da juventude em Presidente Prudente: Fluxos, tensões e territorialidades no Parque do povo

- 1) Que locais você costuma freqüentar para se divertir na cidade de Presidente Prudente?
(pode marcar mais de uma resposta)
() Prudenshopping () Prudente Parque Shopping () Cinemas () Bares () Boates
() Casa de amigos () Parque do Povo () Praças
() Outros
Quais (bares, boates, praças) _____

(no caso de bares, boates e praças, sempre perguntar se no bairro onde mora, no centro, em outros bairros...)
- 2) Com que freqüência você visita o Parque do Povo?
() quase nunca () de vez em quando () muito () é a primeira ou segunda vez
- 3) Quais dias da semana você mais costuma vir ao PDP? (pode marcar mais de uma)
() Seg () Ter () Qua () Qui () Sex () Sáb () Dom
- 4) E quantas vezes por mês? _____
- 5) Qual o principal motivo para você freqüentar o Parque do Povo?

- 6) Você costuma freqüentar o Prudenshopping? () Sim () Não
Se não, pule para a questão 11
- 7) Se sim, com qual freqüência:
() Quase nunca () de vez em quando () muito () já freqüentou uma ou duas vezes
- 8) O que te atrai ao Prudenshopping?

- 9) Você costuma transitar entre Parque do Povo e Prudenshopping numa mesma noite?
() Sim () Não
Se sim: Está aqui porque veio ao Prudenshopping, ou porque veio ao Parque do Povo?
() Prudenshopping () Parque do Povo () Pelos dois motivos
Se não, pule para a questão 11
- 10) Qual dos espaços você se sente mais a vontade com seus amigos? Porque?
() Prudenshopping () Parque do Povo

- 11) Quando vem para o Parque do Povo, de final de semana, você costuma transitar por outros locais, como bares e outras áreas do Parque do Povo? Se sim, quais?
() Sim () Não Quais _____
- 12) (SE SIM NA QUESTÃO 11) Com qual freqüência?
() Quase nunca () de vez em quando () muito () já foi uma ou duas vezes

13) (SE NÃO NA QUESTÃO 11) Existe algum motivo especial que o impeça de frequentar?

14) Como você costuma se deslocar até o Parque?

() Carro () Moto () ônibus () Bicicleta () a pé () outros

15) Se de carro/moto, este é próprio ou de carona? _____

16) Você vem () sozinho ou em () grupo?

17) Se em grupo: Quantas pessoas em média? _____

18) Se sozinho: () se encontra com outro grupo no Parque ou () não?

19) De onde é o grupo? () da escola () do bairro () da igreja () do trabalho () outro, qual? _____

20) Qual a preferência musical do seu grupo? _____

21) Você nota diferenças entre seu grupo de amigos e outros grupos que estão em outras áreas do Parque?

() Sim () Não

Se sim, quais diferenças? _____

22) Estas diferenças causam algum tipo de conflito? Se causam, de que tipo de conflito?

Perfil socioeconômico

1) Idade: _____

2) Sexo () M

() F

3) Renda média familiar (em reais): _____

4) Escolaridade: () Fundamental incompleto () Fundamental completo

() Ensino médio incompleto () Ensino médio completo

() Superior incompleto () Superior completo

5) Bairro de origem _____

6) Número de integrantes na família _____

7) Trabalha? Se sim, o seu salário é de uso individual ou compartilhado com a família?

() Sim → () Uso individual () uso compartilhado

() Não

8) Você se autodeclara de que cor? _____

() Negro () Branco () Pardo () Amarelo () indígena

Anexo 2 - Entrevista aplicada com donos de estabelecimento da área

Roteiro de entrevista - donos de estabelecimentos (lanchonetes)

- Qual o seu nome completo?
- Qual a sua idade?
- Há quanto tempo você trabalha no ramo de lanchonetes?
- É o seu primeiro negócio no ramo?
- Como foi o processo de aquisição do imóvel?
- Quais são os horários e dias de funcionamento?
- Você tem a intenção de atingir algum público específico?
- Ao longo do tempo, você notou mudanças nos arredores? (Parque do Povo, outros estabelecimentos...)
- Quanto ao público, você notou alguma mudança?
- Quais são os dias e horários de maior movimento?
- Você nota alguma diferença entre o seu público ao longo da semana?
- Você observa algum tipo de influencia do *Prudenshopping* em relação ao seu estabelecimento?
- Sobre o local, você observa algum problema de segurança que queira comentar?
- Já teve algum problema relacionado a violência no local?

ANEXO 3 - Modelo do termo de consentimento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMATIVO

A pesquisa CENTRALIDADES DO LAZER EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: FLUXOS, TENSÕES E TERRITORIALIDADES NO PARQUE DO POVO, tem como objetivo investigar as dinâmicas do lazer empreendidas pelos jovens no Parque do Povo aos fins de semana. Sendo assim, nos preocupamos em dar voz aos jovens freqüentadores deste espaço com o objetivo de ampliarmos os resultados de nossa investigação. Os dados e resultados da pesquisa, especialmente os depoimentos dos jovens no grupo de discussão, estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho que venha a ser publicado.

A participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver cancelar o uso das informações prestadas, terá toda liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são o Professor Dr. Nécio Turra Neto, do Departamento de Geografia da UNESP, e o estudante Adolpho Barreto Netto, do curso de Geografia da UNESP. Ambos se comprometem a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatados pelos telefones: (18) PROFESSOR, (18) MEU NÚMERO; ou ainda pelos correios eletrônicos: necioturra@fct.unesp.br; adolpho.barreto@hotmail.com.

Eu, _____, portador do documento _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos do meu depoimento para que seja transcrito, analisado, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usado posteriormente por terceiros vinculados à FCT/UNESP, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa. Fui informado/a das finalidades, objetivos e metodologias da investigação proposta na pesquisa. Minhas dúvidas foram respondidas, no início da reunião e sei que poderei solicitar outros esclarecimentos. Além disso, sei que terei a liberdade de retirar meu consentimento de participação, a qualquer momento. Estou ciente de que as informações colhidas terão caráter confidencial e só serão divulgadas dados gerais dos participantes da pesquisa, sem sua identificação.

Presidente Prudente ____ de _____ de 2014

Participante da pesquisa

Pesquisador

Identificação do responsável (se necessário)
RG: _____

Anexo 4 - Roteiro de entrevista direcionado aos jovens

Roteiro das entrevistas com os grupos jovens no local

1. Apresentação da pesquisa e dos participantes - nome, idade, local de moradia...
2. Com que idade você começou a sair de casa sem seus pais? Como foi a experiência?
3. Quais os primeiros lugares da cidade que você frequentou com seu grupo de amigos (sem os pais)?
4. Quando começou a frequentar o Parque do Povo?
5. Como vai? Com quem vai? Porque vai? O que faz lá?
6. Qual é o percurso que você e seus amigos realizam nos fins de semana para vir ao Parque?
7. O que você pensa sobre o Parque do Povo?
8. O que é ser jovem? ©
9. Você vive plenamente a juventude? (i)
10. O fato de morar onde mora tem um papel na forma com que você vive sua juventude? (i)
11. Qual a motivação para frequentar o Parque do Povo aos fins de semana? ©
12. Você frequenta também o Prudenshopping? (i)
13. Por que? O que faz lá? (i)
14. O que pensa do Prudenshopping? (i)
15. Qual a distinção que observam entre Prudenshopping e Parque do Povo? ©
16. Observam algum tipo de tensão/conflito na área? (tentar espacializar estes possíveis conflitos) ©

*©: coletiva - (i): individual

**Esta não deve ser necessariamente a ordem cronológica das questões na entrevista.